

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

JOÃO HENRIQUE SANTOS DE SOUZA

MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO SUJEITO EM LÍNGUAS DO
GRUPO TIMBIRA

BELO HORIZONTE

2018

JOÃO HENRIQUE SANTOS DE SOUZA

**MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO SUJEITO EM LÍNGUAS DO GRUPO
TIMBIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Gramáticas de Línguas Indígenas

Orientador: Dr. Fábio Bonfim Duarte

BELO HORIZONTE

2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S729m

Souza, João Henrique Santos de.

Marcação diferencial do sujeito em línguas do grupo
Timbira [manuscrito] / João Henrique Santos de Souza. – 2018.
135 f., enc. : il., maps., p&b.

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Gramáticas de Línguas Indígenas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 120-123.

1. Línguas indígenas – Gramática – Teses. 2. Línguas
timbiras – Gramática – Teses. 3. Línguas timbiras – Sintaxe –
Teses. 4. Línguas timbiras – Morfologia – Teses. 5. Índios da
América do Sul – Brasil – Línguas – Teses. I. Duarte, Fábio
Bonfim. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade
de Letras. III. Título.

CDD : 498.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



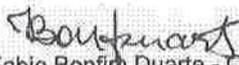
FOLHA DE APROVAÇÃO

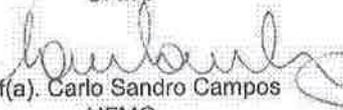
Marcação Diferencial do Sujeito em Línguas do Grupo Timbira

JOÃO HENRIQUE SANTOS DE SOUZA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Gramáticas de Línguas Indígenas.

Aprovada em 30 de novembro de 2018, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Fabio Bonfim Duarte - Orientador
UFMG


Prof(a). Carlo Sandro Campos
UFMG


Prof(a). Christiane Cunha de Oliveira
UFMG

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2018.

Dedico este trabalho àquela que me fez seu filho em Beagá. Se não fosse por ela, eu sequer teria passado de 2016.

AGRADECIMENTOS

A etapa da vida que termina nesta dissertação começou, oficialmente, no dia 8 de março de 2017. Porém, muito antes, os caminhos que me levaram a completar este trabalho se iniciaram, com o auxílio de diversas pessoas, as quais me ajudaram desde o primeiro momento na decisão de fazer mestrado. Ao longo destes agradecimentos, pretendo citar cada uma das pessoas que fizeram parte do percurso comigo, seja ajudando diretamente nos diversos momentos de dificuldade, seja dando força para eu não jogar tudo para o alto e ir embora pelo mundão, ou mesmo me influenciando a dar o meu melhor.

Àqueles que estão comigo desde que cheguei ao mundo:

À primeira pessoa que investiu tudo o que podia em mim: Marizete, por ter me permitido e estimulado a ser um humano de alma livre, a respeitar o próximo e a mim mesmo, e a buscar o melhor para mim sem prejudicar ninguém. A meus irmãos e irmãs: Roberto, Roberta, Ellen e Arthur, obrigado por terem me apoiado na decisão de vir para tão longe. Obrigado por terem me ajudado a realizar o sonho de morar em Ouro Preto! Ágatha, Matheus, Jamily, Thiago, Davi, Miguel, Santiago: a vida é maravilhosa porque vocês estão no mundo. A primas, primos, tias e tios por tudo. A meu avôhai JB. Amo todos vocês!

Àqueles que me apoiaram desde o princípio:

Joel, Jonas e Sandy, por terem me recebido em sua casa. Colegas de trabalho e alunos na EE Aarão Reis. Nathalia e Duda. Humberto e Andréa. Jaci e Nádia, pelo apoio essencial. Tio Padre, por ser como um pai pra mim. Peter Pan, pela parceria.

Àqueles que estiveram comigo na UFMG:

Isabelle, Jessica, Clarice, Flávia e Amália. Marcus, Matheus e Filipe. Colegas de IngRede. Eulício e Rodz. Cida, Neia, Conceição e Elizete. Thiago, Allan e Rodrigo.

Àqueles que estiveram comigo no LaliAfro:

Alex, Kowalski, Lorena, Nasle, Paloma, Valamiel, Victor, Ronaldo, Tânia. Aprendi um tanto aqui e sinto um carinho especial por todos os momentos juntos. A cada uma e a cada um de vocês, espero que nosso trabalho seja mais valorizado e que o façamos sempre com vontade de melhorar o mundo.

Àqueles que conheci durante o percurso:

Professora Jaqueline, por compartilhar tanto conhecimento comigo. Professoras Leopoldina, Ana Suely, Elizete, Stella e Maxwell, por serem inspiração para seguir o trabalho com povos indígenas. Pepyaká, por me ensinar sobre sua língua com tanta paciência.

Àqueles que estiveram comigo em eventos:

Jéssica, Will, Satie e dona Minako. Lilian e Célia. Juliana e Juninho. Nando e Lucas. Ariel e André Nikulinho, por já serem alguns dos meus colegas de trabalho preferidos.

Àqueles que estiveram comigo na graduação:

Malia, por me ensinar tanto sobre a importância do ensino crítico e sobre a academia, além de sempre estar pronta para uma conversa inspiradora. Marusso, por ter primeiro estimulado em mim o interesse em descobrir sobre minhas próprias origens. Giacomo, por ter me ensinado tanto. Mariana e

Karola, pela amizade durante todos esses anos. Supervisoras do PIBID, por serem as profissionais que são.

Àqueles que são a minha casa em Minas Gerais:

Amigas e amigos da República Sé. Miguel, Valmir, Reginaldo e João Rento. Emílio e Benedictus. Nayara, Wellington e Sylvania + filhos. Anny e Amanda. Joice, Fran e Leandro. Beagá, Beyoncé, Bowie, Linguística, Milton, Madonna, Povos Jê, Ritalee. Vocês são importantes pra mim.

Aos órgãos oficiais:

Poslin, pela oportunidade de realizar meus estudos e minha pesquisa. CAPES pelo auxílio de participação em eventos. FAPEMIG, pela bolsa de estudos para finalizar a pesquisa. Desejo que cada vez mais pessoas tenham as oportunidades que eu tive.

Àqueles que fizeram parte da banca:

Professora Christiane, pela leitura honesta e cuidadosa e pelo comentário mais valioso. Professor Sandro, pela leitura detalhada, pelos ensinamentos sobre o Maxakali e pelos comentários para a melhora do trabalho. Professor Aroldo, pela leitura do trabalho e pelos comentários relevantes.

Àquele que se tornou meu mentor:

Ao professor Fábio Bonfim, meu orientador, por ter me ensinado desde os detalhes de glosa mais simples às teorias linguísticas mais complexas. Por ter investido em mim seu tempo, seu conhecimento, sua paciência, sua sabedoria. Espero manter nossa parceria pelo resto dessa existência, pois sei que ainda tenho muito a aprender. *Wa ehktyj jacryyh!*

RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar os estatutos das partículas {-te} e {-mã}, marcadoras de Caso em duas línguas do grupo Timbira. Mostramos que essas partículas estão associadas à marcação de Caso não estrutural nas línguas em questão, uma vez que marcam sujeitos de verbos transitivos em condições muito específicas, a saber: a partícula {-te} marca Caso ergativo no sujeito quando o verbo de ação está no aspecto perfectivo, ou seja, marca sempre sujeito agente em ação realizada; a partícula {-mã} marca Caso dativo no sujeito sempre que este apresenta as propriedades de [+AFETADO, -CONTROLE], indicando tratar-se de Caso inerente. Esta última não é restrita a sujeitos de transitivos, mas também pode marcar sujeitos de intransitivos que apresentem aquelas propriedades. Isso nos leva a outro objetivo desta pesquisa: investigar as cisões intransitivas que ocorrem nas línguas, as quais seguem parâmetros semânticos e aspectuais do verbo. Por fim, constatamos que as línguas Timbira exibem marcação diferencial de sujeito, pois seu complexo sistema de Casos obedece a parâmetros regulares de atribuição de Caso tanto a sujeitos transitivos quanto a sujeitos intransitivos. Para alcançar esses objetivos, analisamos dados das línguas Parkatejê e Apaniekrá, pertencentes ao grupo Timbira.

PALAVRAS-CHAVE: sistemas de Caso; marcação diferencial; ergatividade; grupo timbira.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to investigate the status of the particles {-te} and {-mã}, which are used as Case markers, in two languages of the Timbira group. It shows that these particles are associated to non-structural Case marking in these languages, once they mark subjects of transitive verbs under very specific conditions, as followed: the particle {-te} marks ergative Case on the subject when a given action verb is in the perfective aspect, in other words, accomplished actions always require ergative subject; the particle {-mã} marks dative Case on the subject whenever it has the properties [+AFFECTED, -CONTROL], suggesting it is indeed inherent Case. This last Case marking is not restricted to transitive subjects, but can also mark intransitive subjects that have those properties. This leads us to the other aim of this research, which is to investigate the intransitive split subjects that occur in the languages, following verbal semantic and aspectual parameters. Ultimately, it was verified that the Timbira languages exhibit differential subject marking, since its complex Case system conforms to regular parameters of Case attribution either to transitive subjects as to intransitive subjects. Data from Parkatejê and Apaniekrá languages, part of Timbira group, were analyzed in order to accomplish those aims.

KEYWORDS: Case systems; differential marking; ergativity; timbira.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2.1: Mapa com as famílias do tronco Macro-Jê	6
Figura 2.2: Árvore genética da família Jê	12
Figura 2.3: Mapa com a localização dos povos Timbira	17
Figura 6.1: Alinhamentos sintáticos em línguas Timbira	116
Figura 6.2: Detalhe dos alinhamentos ergativo e acusativo	117
Figura 6.3: Detalhe do alinhamento dativo-acusativo	118
Quadro 2.1: Tronco Macro-Jê	7
Quadro 2.2: Família Jê	10
Quadro 2.3: Grupo Timbira	15
Quadro 4.1: Pronomes de primeira e segunda pessoa em Parkatejê	51
Quadro 4.2: Pronomes de terceira pessoa em Parkatejê	52
Quadro 4.3: Formas finitas e não finitas de alguns verbos	59
Quadro 4.4: Sistemas de alinhamento em Parkatejê	69
Quadro 4.5: Marcas de Caso do sujeito em Parkatejê	77
Quadro 5.1: Pronomes pessoais enfáticos em Apaniekrá	81
Quadro 5.2: Pronomes pessoais em Apaniekrá	81
Quadro 5.3: Sistemas de alinhamento em Apaniekrá	104
Quadro 5.4: Marcas de Caso do sujeito em Apaniekrá	113

LISTA DE ABREVIATURAS UTILIZADAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	sujeito transitivo
A _D	sujeito transitivo dativo
ABS	absolutivo
ACC	acusativo
ACT	ativo
AOR	aorista
ASP	aspecto
ATEN	atenuante
AUX	auxiliar
CAUS	causativo
Cf	conferir
CONJ	conjunção
CONT	continuativo
COREF	correferencial
DAT	dativo
DEF	definitude
DEM	demonstrativo
DIR	direcional
DP	sintagma determinante
ERG	ergativo
F	feminino
FUT	futuro
GEN	genitivo
IMPERF	imperfectivo
INTENS	intensificador
IRR	irrealis
LOC	locativo
M	masculino
MOV	movimento
NEG	negação
NF	não finita
NOM	nominativo
NPR	nome próprio

NMZ	nominalizador
O	objeto de transitivo
PAST	passado
PD	pronome dependente
PERF	perfectivo
POS	posse
POT	potencial
PR	passado remoto
PRES	presente
PRG	progressivo
PVB	?
QUANT	quantificador
S	sujeito intransitivo
S _A	sujeito inergativo
S _D	sujeito intransitivo dativo
S _O	sujeito inacusativo
SG	singular
STV	estativo
REL	relacional
TRANS	transitivo

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução	1
Capítulo 2: Línguas e Povos	4
2.1 O tronco Macro-Jê	5
2.2 A família Jê	9
2.3 O grupo Timbira	13
2.3.1 Povo Parkatejê	18
2.3.2 Povo Apaniekrá	19
2.4 Resumo do capítulo	21
Capítulo 3: Aporte Teórico	22
3.1 O que é Caso?	23
3.2 Características de uma língua ergativa	26
3.3 Cisão intransitiva	34
3.4 Sujeitos dativos	38
3.5 Marcação Diferencial do Sujeito	41
3.6 Resumo do capítulo	45
Capítulo 4: Sistemas de Caso em Parkatejê	46
4.1 O sistema pronominal	47
4.2 Alinhamentos de Caso	53
4.2.1 Sistema de alinhamento ergativo-absolutivo	55
4.2.2 Sistema de alinhamento nominativo-acusativo	60
4.2.3 Cisão dos verbos intransitivos	63
4.3 O sujeito dativo	70
4.4 Resumo do capítulo	76
Capítulo 5: Sistemas de Caso em Apaniekrá	79
5.1 O sistema pronominal	80
5.2 Alinhamentos de Caso	85
5.2.1 Sistema de alinhamento ergativo-absolutivo	87
5.2.2 Sistema de alinhamento nominativo-acusativo	92
5.2.3 Cisão dos verbos intransitivos	96
5.3 O sujeito dativo	104
5.4 Resumo do capítulo	112
Capítulo 6: Considerações finais	114
Referências	120

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivos (i) mostrar que duas línguas do grupo Timbira são línguas ergativas cindidas, sendo esta cisão condicionada pelo aspecto do verbo; (ii) mostrar que essas línguas apresentam o fenômeno de Marcação Diferencial do Sujeito, doravante DSM, o qual consiste de marcação de Caso obedecendo a parâmetros sintático-semânticos regulares, e (iii) mostrar que, nessas línguas, os Casos ergativo e dativo consistem de Casos inerentes, ou seja, Casos não estruturais.

O argumento externo em línguas do grupo Timbira pode receber até três marcas de Caso, a saber: ergativo, realizado pela marca morfológica {-te}; dativo, realizado pela marca morfológica {-mã}; e nominativo, que equivale a Caso default e é realizado morfológicamente por {-∅}. A hipótese proposta é de que tais marcações servem a um propósito específico: mostrar que parâmetros sintático-semânticos regulam os sistemas de Casos das línguas, o que também ocorre no grupo Timbira. As línguas desse grupo apresentam outros fenômenos relevantes para este estudo, tais como cisão intransitiva em argumentos pronominais e sujeitos dativos em verbos transitivos e intransitivos.

Entre as referências escolhidas para dar suporte à pesquisa, escolhemos aquelas que explicavam os mesmos fenômenos encontrados nas línguas

Timbira, ocorrendo em línguas não aparentadas geneticamente com o tronco Macro-Jê, como exemplo, as línguas Bengali e Urdu, que são línguas indo-europeias, entre outras. Os critérios para a investigação dos fenômenos nessas línguas foram, então, aplicados na verificação dos fenômenos semelhantes em Timbira, evidenciando sucesso ao explicar as ocorrências.

Entre as línguas que pertencem ao grupo Timbira, duas foram escolhidas para serem usadas na análise dos fenômenos descritos: o Gavião Parkatejê e o Canela Apaniekrá. Sua escolha se deve principalmente a trabalhos de descrição morfossintática realizados com essas línguas. Portanto, a metodologia da pesquisa consistiu na seleção e na coleta de dados presentes em trabalhos publicados sobre essas línguas. A análise dos dados foi realizada com base em um aporte teórico abrangente, usando referências que analisam principalmente marcação de Caso tanto em sujeitos transitivos quanto em intransitivos em diversas línguas do mundo.

O trabalho com línguas indígenas do Brasil e do mundo requer especial atenção à nomenclatura usada. Isso se deve ao fato de muitas denominações utilizadas historicamente serem pejorativas aos grupos étnicos, uma vez que foram cunhadas por outros grupos, às vezes rivais; outras mudaram ao longo do tempo, a partir de maior conhecimento adquirido sobre os grupos. Por exemplo, a etnia *Kayapó*, que atualmente é conhecida na literatura indigenista por

Mebêngokré. Outros nomes permanecem os mesmos usados historicamente, mas sua grafia mudou ao longo tempo. Portanto, note que, para as nomenclaturas utilizadas neste trabalho, optamos pelas formas de autodenominação utilizadas pelos grupos indígenas, como na seguinte forma: *Mebêngokré (Kayapó)*. Em outros casos, optamos pela nomenclatura mais usada atualmente.

Esta dissertação está dividida em seis capítulos. No capítulo 2, apresentamos a classificação genética das línguas analisadas neste trabalho, trazendo ainda informações acerca dos povos falantes dessas línguas; no capítulo 3, discutimos o referencial teórico que orienta a pesquisa e a análise dos dados; no capítulo 4, investigamos os sistemas de Caso na língua Parkatejê; no capítulo 5, investigamos os sistemas de Caso na língua Apaniekrá; finalmente, o capítulo 6 apresenta as considerações finais da pesquisa.

CAPÍTULO 2: LÍNGUAS E POVOS

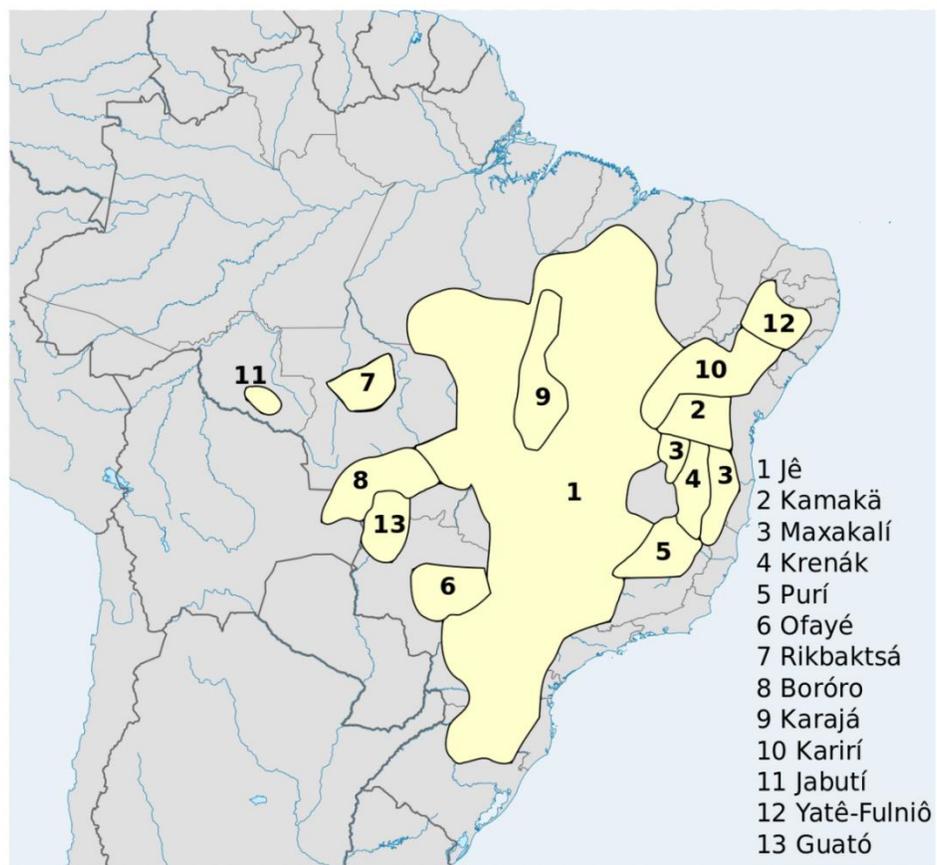
As línguas descritas e analisadas neste trabalho fazem parte do grupo Timbira, também chamado de complexo linguístico Timbira, o qual está inserido na família Jê, que por sua vez pertence ao tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1999). Para tanto, este capítulo tem por objetivo apresentar informações sobre a classificação genética das línguas usadas na análise, assim como informações acerca dos povos falantes dessas línguas atualmente.

O capítulo está organizado em três seções. Na primeira seção, retomamos o que se sabe na atualidade sobre o tronco Macro-Jê e sobre as famílias que constituem o tronco; na segunda seção, mostramos como se constitui a família linguística Jê, descrevendo sobre sua divisão interna; na terceira seção, descrevemos o grupo Timbira, retomando seu histórico como descrito por Nimuendajú, incluindo os subgrupos que o constituem atualmente, focando especialmente nos dois que constituem a base para a análise proposta neste trabalho: Parkatejê e Apaniekrá.

2.1 O TRONCO MACRO-JÊ

De acordo com Rodrigues (1999, p. 165), o nome Macro-Jê foi primeiro atestado por Mason, em 1950, para um conjunto de línguas faladas no Brasil e acreditadas estarem relacionadas com a família Jê. Ainda segundo o autor, a classificação é ainda uma hipótese, embora tal classificação se mostre relevante até a atualidade. Sobre o nome, Rodrigues discorre que o tronco já foi chamado de Ges-Tapuya e Tapuya-žé (RODRIGUES, 1999, p. 165). Essas nomenclaturas se devem ao fato de que, durante os primeiros contatos com povos indígenas, todos os povos que não falavam línguas Tupi eram chamados de Tapuia. De início, acreditava-se essa era a nomenclatura apropriada, descobrindo-se posteriormente que essa palavra significava “estrangeiro” (MONTEIRO, 2001). Uma característica comum às línguas desse tronco é que são faladas majoritariamente em território brasileiro. O mapa a seguir mostra as famílias que formam esse tronco linguístico, de acordo com a classificação mais aceita atualmente.

FIGURA 2.1: MAPA COM AS FAMÍLIAS DO TRONCO MACRO-JÊ



Fonte: autor desconhecido, retirado do Dicionário Ilustrado Tupi Guarani.

A posição geográfica de cada família indica sua localização aproximada à época da chegada dos europeus à América. Infelizmente, muitas línguas desse tronco já foram extintas e é provável que outras tantas tenham sido extintas antes mesmo que tivéssemos algum contato com seus falantes. Por isso,

Rodrigues afirma que a classificação dessas línguas em um tronco é ainda uma hipótese, sobretudo porque “a distribuição espacial de seus membros e a diferenciação lexical entre as línguas é muito profunda para entregar uma série de palavras cognatas ‘fácil de descobrir’” (RODRIGUES, 1999, pp. 198-199). A seguir, apresentamos uma tabela com as famílias e com as línguas do tronco e sua localização no território nacional, de acordo com a proposta de Rodrigues (1999). Note que as línguas que aparecem com o sinal † não apresentam mais falantes nativos, embora possam apresentar indivíduos étnicos falantes de outras línguas.

QUADRO 2.1: TRONCO MACRO-JÊ	
Família	Língua
Jê do Nordeste	†Jaikó (PI)
Jê do Norte	Timbira (MA/PA/TO) / Apinajé (TO) / Mebêngokré (Kayapó) (MT/PA) / Panará (MT/PA) / Kisêdjê (Suyá) (MT)
Jê Central	Xavante (MT) / Xerente (TO) / †Xakriabá (MG) / †Akroá (GO/MA)
Jê do Sul	Kaingang (SP/PR/SC/RS) / Laklãnõ (Xokleng) (SC) / †Ingaín (Argentina/Paraguai)
Kamakã	†Kamakã (BA/ES) / †Mongoyó (BA) / †Meniém (BA) / †Kotoxó (BA) / †Masakarã (BA)

Maxakali	Maxakali (MG/ES ¹) / †Kapoxó (MG/BA) / †Monoxó (MG/BA) / †Makoni (MG) / †Malali (MG) / †Pataxó (BA)
Krenak	Krenak (MG/ES) / †Guerén (BA)
Puri	†Puri (ES/RJ/SP/MG) / †Koropó (ES) / †Coroado (ES)
Kariri	†Kipeá (BA/SE) / †Dubukuá (BA) / †Sabuyá (BA) / †Kamuru (BA)
Yatê	Yatê (PE)
Karajá	Karajá (MT/TO)
Ofayé	Ofayé (MS)
Bororo	Bororo do Leste (MT) / †Bororo do Oeste (MT) / Umutina (MT) / †Otuke (Bolívia)
Guató	Guató (MT)
Rikbaktsá	Rikbaktsá (MT)

Fonte: adaptado de RODRIGUES (1999, pp. 167-168).

A tabela acima mostra que a maior família desse tronco é a família Jê, a qual é descrita na próxima seção. Rodrigues (1999, p. 165) menciona, inclusive, que a primeira proposta de classificar um tronco Macro-Jê se deve ao fato de muitas línguas encontradas apresentarem semelhanças com línguas dessa família. As línguas de três dessas famílias não possuem mais falantes nativos,

¹ Embora Rodrigues (1999) mostre a localização dos Maxakali nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, há evidências de que esse povo é proveniente do sul do estado da Bahia (Cf. CAMPOS, 2009).

sendo elas Kamakã, Puri e Kariri. Ainda, diversas famílias apresentam atualmente falantes nativos de apenas uma língua, embora outrora fossem constituídas de duas ou mais línguas, como é o caso das famílias Maxakali e Krenak. Na próxima seção, apresentamos a constituição da família Jê.

2.2 A FAMÍLIA JÊ

De acordo com Abreu (2008), a família Jê consiste de nove agrupamentos principais, dos quais cinco são considerados apenas línguas (Apinajé, Panará (Kreen-akarôre), Suyá, Tapayuna e Laklãnõ (Xokleng)) e quatro são grupos de línguas (Kaingang, Kayapó, Timbira e Akwén). Ainda segundo este autor,

“os conjuntos são o Kaingang, com 4 línguas ou dialetos; o Kayapó, com 8 elementos; Timbira, com 4; e o grupo Akwén, constituído pelo Xakriabá (provavelmente já extinto), o Xavante e o Xerente, de forma que toda a família é formada por 27 línguas e dialetos” (ABREU, 2008, p. 74).

O quadro a seguir é adaptado do trabalho de Abreu (2008, p. 299) e apresenta a família Jê de acordo com a classificação feita por Rodrigues (1986, 1994 *apud* ABREU, 2008):

QUADRO 2.2: FAMÍLIA JÊ					
Línguas	Apinajé	Panará (Kreen-akarôre)	Kisêdjê (Suyá)	Tapayuna	Laklãnô (Xokleng)
Grupos de línguas/dialetos	Kaingang - Kaingang do Paraná - Kaingang Central - Kaingang do Sudoeste - Kaingang do Sudeste	Kayapó - Gorotire - Kararaô - Kokraimorô - Kubenkragnotí - Kubenkrakêgn - Menkrangnotí - Xikrín - Txukahamãe	Timbira - Canela Apaniekrá - Canela Ramkokamekrá - Gavião Parkatejê - Gavião Pykobjê - Krahô - Krenjê - Krĩkati		Akwén - Xakriabá - Xavante - Xerente

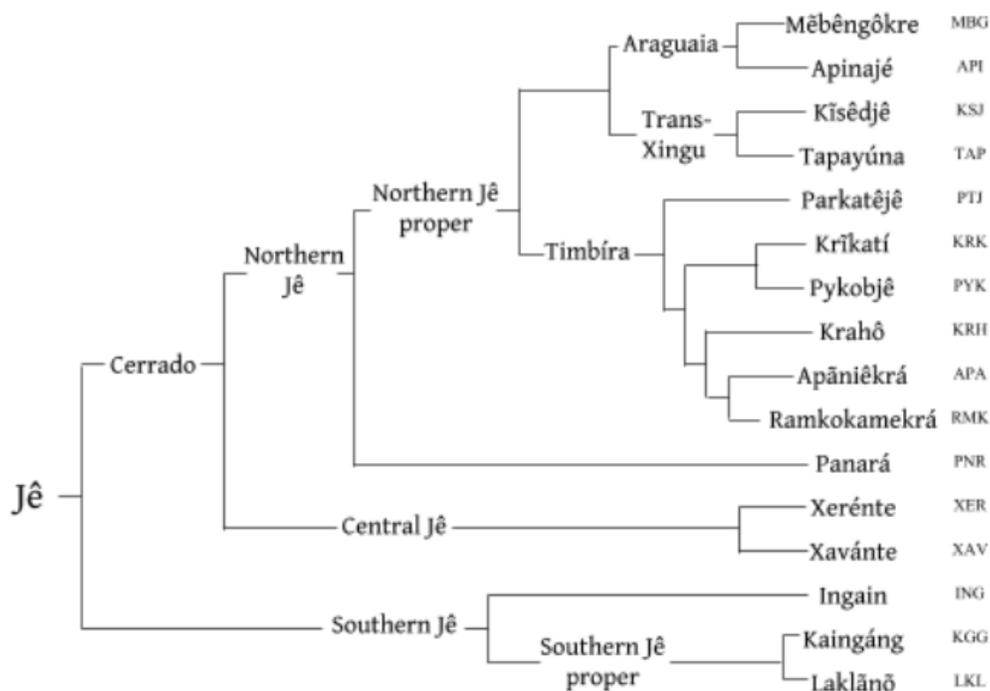
Fonte: adaptado de ABREU (2008, p. 299).

Tal classificação não deve ser considerada definitiva, pois diversos trabalhos ainda vêm sendo feitos, buscando classificar as línguas e os dialetos da família Jê. Tomando como exemplo o grupo Timbira, Rodrigues (1999, p. 167) o classifica como possuindo sete elementos (Ramkokamekrá, Apaniekrá, Pykobjê, Parkatejê, Krĩkati, Krahô, Krenjê), classificação esta seguida por Castro Alves (2004).

De acordo com a classificação mostrada em Rodrigues (1999), as línguas da família Jê são agrupadas geograficamente em quatro ramos: Nordeste, Norte, Central e Sul. Desses quatro ramos, a língua Jaikó, a qual

compreende o ramo Nordeste, não apresenta mais falantes nativos, restando ainda as línguas dos outros três ramos. Pertencem ao ramo Norte o grupo Timbira, a língua Apinajé, o grupo Kayapó, a língua Panará (Kren-akarôre), a língua Suyá e a língua Tapayuna. Já do ramo Central, fazem parte as línguas Xavante, Xerente e Xakriabá e Akroá; estas duas últimas sem falantes nativos atualmente. Por fim, o ramo Sul compreende o complexo dialetal Kaingang e a língua Laklãnõ (Xoklêng). A língua Ingaín, que atualmente não apresenta falantes nativos e era falada na Argentina e no Paraguai, é incluída também no ramo Sul (RODRIGUES, 1999, p. 167). Na imagem abaixo, apresentamos uma árvore mostrando as relações genéticas entre as línguas dessa família, elaborada por Nikulin & Salanova (2018).

FIGURA 2.2: ÁRVORE GENÉTICA DA FAMÍLIA JÊ



Fonte: NIKULIN & SALANOVA (2018)².

A classificação proposta introduz novas divisões dentro da família Jê, mas estas são pouco relevantes neste trabalho. É importante notar que o Mebêngokrê é considerado apenas uma língua, enquanto Kisêdjê e Tapayuna são consideradas duas línguas aproximadas. Ainda, o grupo Timbira é dividido em seis línguas, sendo elas Parkatejê, Krĩkati, Pykobjê, Krahô, Apaniekrá e

² Os autores não mencionam a língua Xakriabá, devido ao provável fato de esse povo ser falante apenas da língua portuguesa.

Ramkokamekrá. Os povos e línguas desse grupo são descritos na próxima seção.

2.3 O GRUPO TIMBIRA

De acordo com o site Povos Indígenas do Brasil³, do Instituto Socioambiental, Timbira é o nome que designa um conjunto de povos (MELATTI, 1999). Dentre esses povos, são atualmente mais numerosos e considerados povos autônomos os Apinajé, Canela Apaniekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykobjê, Krahô e Krĩkati. Outros grupos já não podem ser assim considerados: Krenjê, Kukoikatejê, Krenkatejê, Krepunkatejê, Krorekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá. Esses povos atualmente encontram-se vivendo entre os sete povos mais numerosos mencionados acima (MELATTI, 1999).

Três dos povos Timbira são conhecidos pela denominação Canela: Apaniekrá, Ramkokamekrá e Kenkatejê; enquanto outros três são conhecidos pela denominação Gavião: Krĩkati, Pykobjê e Parkatejê. Estes últimos também chamados de Gavião do Oeste, devido a sua localização, no estado do Pará, enquanto os Krĩkati e os Pykobjê se encontram no estado do Maranhão. Finalmente, todos esses grupos falam a mesma língua, o Timbira, a qual é parte

³ Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

da família Jê do Norte. Essa língua apresenta dialetos facilmente compreensíveis entre si, sendo o mais diferente o Apinajé, que atualmente é considerado outra língua, em vez de parte do grupo Timbira (CASTRO ALVES, 2004).

Até a atualidade, o trabalho considerado mais relevante acerca do grupo Timbira foi realizado pelo etnólogo Curt Nimuendajú, denominado *The Eastern Timbira* (1946). Neste trabalho, o autor apresentou descrição completa sobre esse grupo, apresentando ainda o histórico de contato do grupo. Sua classificação divide os Timbira em quinze subgrupos entre Timbira do Oeste, consistindo apenas do subgrupo Apinajé, e Timbira do Leste, consistindo dos outros quatorze subgrupos. Estes, por sua vez, são divididos em Grupos do Norte e Grupos do Sul.

A divisão entre Leste/Oeste se dá principalmente porque os Apinajé estão localizados a oeste do rio Tocantins, no estado homônimo, enquanto todos os outros grupos estão localizados a leste daquele rio. De acordo com Castro Alves (2004), os grupos Timbira somam uma população aproximada de seis mil indivíduos. Esta autora retoma ainda a discussão sobre o grupo Apinajé, que embora possa ser considerado parte do grupo Timbira em um nível cultural, sua língua é considerada uma unidade separada dentro da família Jê, mais próxima à língua dos Kayapó (CASTRO ALVES, 2004, p. 16). A tabela a seguir,

adaptada de Castro Alves (2004, p. 14), mostra as divisões descritas por Nimuendajú (1946).

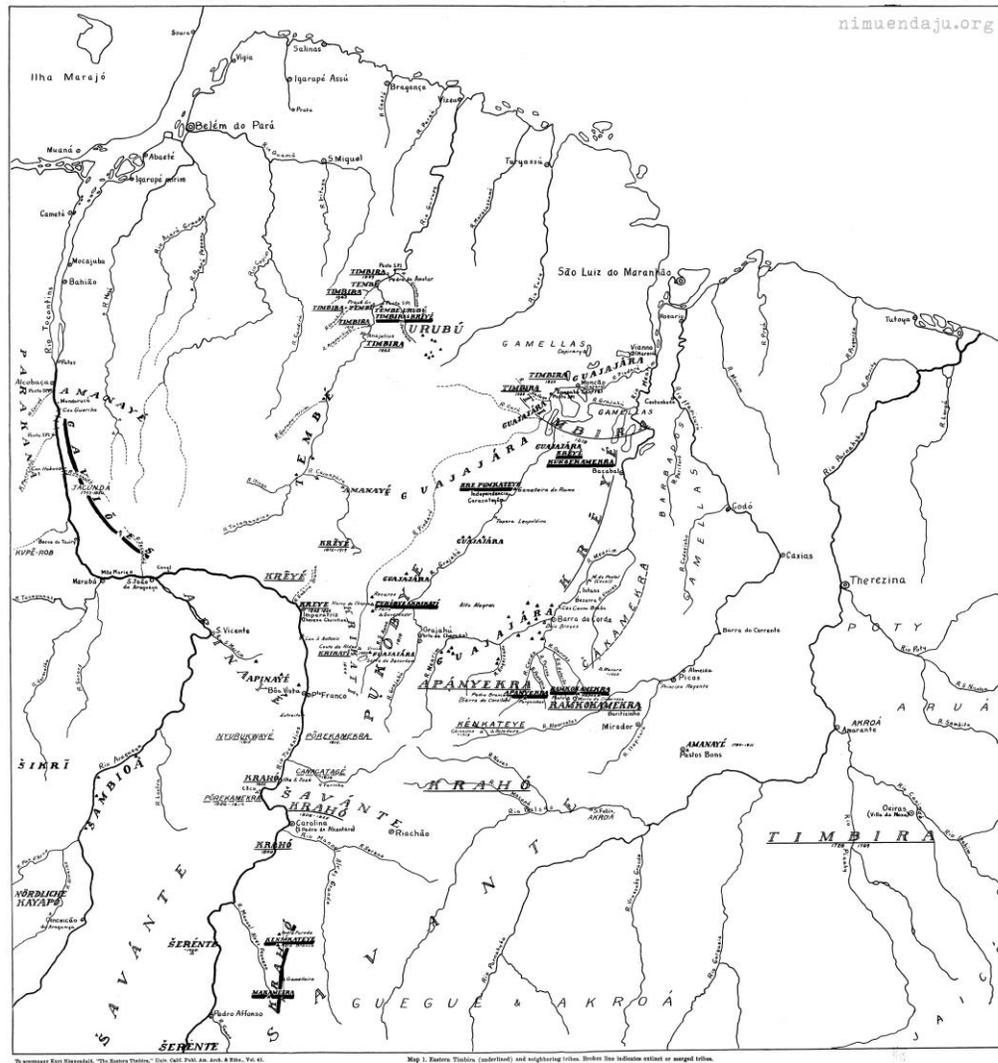
QUADRO 2.3: GRUPO TIMBIRA		
Timbira do Leste		Timbira do Oeste
Grupos do Norte	Grupos do Sul	
<ul style="list-style-type: none"> - Timbira de Araparytíua (Gurupí) - Krenjê de Bacabal - Kukoékamekrá de Bacabal 	<ul style="list-style-type: none"> - Krenjê de Cajuapara - Pykobjê - Gaviões do Oeste ou da Floresta - Krepumkatejê - Krahô - Põrekamekrá - Kenkatejê - Apaniekrá - Ramkokamekrá - Čakamekrá 	<ul style="list-style-type: none"> - Apinajé

Fonte: NIMUENDAJÚ (1946 *apud* CASTRO ALVES, 2004, p. 14).

De acordo com Nimuendajú (1946), todos os membros dos grupos acima tratam-se como membros de um grupo maior compreendendo todos eles, ou seja, eles sabem que são parte de uma unidade étnica maior (NIMUENDAJÚ, 1946, p. 12). Ainda de acordo com o autor, quando

perguntados sobre um termo que compreendesse a totalidade dessa unidade étnica, forneciam as seguintes denominações: *mehĩ*, *tayé*, *mekra*. De um modo geral, é possível afirmar que tais denominações significam ‘meu povo’. Em contrapartida, todos os não Timbira são colocados na categoria *kupẽ*. Esse termo, com significado geral de estrangeiro, antes era aplicado aos não Timbira, mas atualmente é restrito aos brasileiros não indígenas (NIMUENDAJÚ, 1946, p. 12). O mapa a seguir, elaborado por Nimundajú, mostra a localização geográfica dos povos Timbira, com seus nomes sublinhados, e alguns povos vizinhos.

FIGURA 2.3: MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DOS POVOS TIMBIRA



Fonte: NIMUNDAJU (1946).

Dentre os grupos Timbira descritos nesta seção, este trabalho tem foco em dois: os Parkatejê, que são também chamado de Gaviões do Oeste ou da

Floresta; e os Apaniekrá, também chamados de Canela Apaniekrá. A escolha desses grupos se deve principalmente ao fato de haver bons trabalhos de descrição da morfossintaxe da marcação de Caso. Na próxima seção, apresentamos informações mais específicas relativas a esses dois povos.

2.3.1 POVO PARKATEJÊ

O povo Parkatejê, falante da língua homônima, vive na Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Pará (FERRAZ, 2000). São os únicos povos Timbira localizados fora do estado do Maranhão e dentro da área da floresta amazônica, como resultado são referidos na literatura etnológica como Gaviões do Oeste ou da Floresta. A nomenclatura Gavião deve-se a sua natureza guerreira e belicosa (FERRAZ, 2000). A população Parkatejê consiste de 646 indivíduos, em dados de 2014 (SIASI/SSAI, 2014 *apud* FERRAZ, 2000), Contudo, esse povo teve sua população reduzida a uns 20 indivíduos na década de 60 (FERREIRA, 2003).

Esse número tão baixo se deveu a diversos conflitos resultantes do contato com os *kupẽ* (não-indígenas), mas o povo Parkatejê conseguiu se recuperar e apresentar significativo aumento populacional. Na atualidade, outros dois povos menores se encontram entre os Parkatejê, sendo eles os Kyikatejê e os Akrãtikatejê. Atualmente, os três povos em conjunto se

reconhecem como Parkatejê, embora suas diferenças permaneçam marcadas em nível interno (FERREIRA, 2003).

Os Parkatejê são um povo que mantém suas tradições vivas, entre elas o formato da aldeia. Embora na atualidade possuam casas de alvenaria servidas por redes de água, luz e esgoto, eles mantêm o traçado circular da aldeia, característica compartilhada com outros povos Timbira e Jê (MELATTI, 1999). Por fim, entre os trabalhos linguísticos já realizados com esses povos, estão os de ARAÚJO (1977; 1989), FERREIRA (2003) e RIBEIRO-SILVA (2016). O trabalho de FERREIRA (2003) apresenta a descrição da língua dos Parkatejê e foi especialmente utilizado na coleta de dados para esta dissertação. A subseção a seguir apresenta um pouco sobre o povo Apaniekrá.

2.3.2 POVO APANIEKRÁ

Os Apaniekrá, também conhecidos como Canela Apaniekrá, estão localizados na Terra Indígena Porquinhos, no município de Barra do Corda. O grupo Timbira mais próximo é o Ramkokamekrá, com quem mantêm relação de proximidade. Este grupo também recebe a nomenclatura Canela, inclusive hoje preferindo essa autodenominação (CROCKER, 2002) e é provável que os dois grupos tenham se separado em algum momento do século XIX. A população Apaniekrá consistia de 1076 indivíduos em 2012 (SIASI/SESAI,

2012 *apud* CROCKER, 2002), mas pode ter chegado a apenas 130 em 1929 (CROCKER, 2002).

O histórico de contato dos Apaniekrá com a sociedade não indígena foi menos violento que aquele dos Ramkokamekrá, mas não menos prejudicial. Esses grupos sofreram grande perda demográfica devido a diversos fatores, como invasão de seu território tradicional, doenças, entre outros. Atualmente, parecem se recuperar e apresentam crescimento demográfico regular. Ainda, esses grupos praticam diversas atividades, como artesanato, festejos, rituais, pinturas corporais e corridas de toras (Cf. CROCKER, 2002).

Entre os estudos linguísticos realizados junto aos povos Apaniekrá, estão os trabalhos de Castro Alves (1999; 2004). Este último foi utilizado para a coleta e análise dos dados usados nesta dissertação. De acordo com as diversas fontes, as línguas Timbira apresentam alguma vitalidade, mas devido ao número reduzido de seus falantes e à pressão cultural que sofrem por parte da sociedade não indígena, trabalhos de descrição e preservação se fazem cada vez mais relevantes. Por fim, as línguas Timbira, assim como as diversas línguas indígenas brasileiras, apresentam fenômenos relevantes para a teoria linguística e o estudo de sua língua contribui para um conhecimento mais aprofundado das propriedades linguísticas compartilhadas por outras línguas no mundo.

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos um panorama sobre o tronco Macro-Jê, a família linguística Jê e o grupo de línguas Timbira. Mostramos as línguas que compuseram ou compõem atualmente esses agrupamentos genéticos. Sobre o grupo Timbira, apresentamos também um panorama histórico sobre sua etnografia. Falamos ainda sobre os motivos que levaram à escolha dessas línguas para a análise proposta nesta pesquisa. No próximo capítulo, apresentamos o aporte teórico que orienta esta pesquisa.

CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar o aporte teórico que orienta esta pesquisa. Pretendemos que o material levantado nos auxilie a investigar os fenômenos da marcação de Caso nas línguas do grupo Timbira, uma vez que analisa os mesmos fenômenos em outras línguas do mundo. A hipótese principal a ser inquirida é a de que, dentre as três marcas de Caso que o sujeito de verbos transitivos pode receber, duas estão diretamente relacionadas à agentividade do sujeito, enquanto a terceira está relacionada com a semântica de afetação do sujeito.

O capítulo está organizado em seis seções: na seção 1, buscamos responder o que é Caso e a relevância de seu estudo atualmente; na seção 2, mostramos como operam línguas ergativas, incluindo algumas de suas cisões; nas seções 3 e 4, apresentamos, respectivamente, sobre cisão intransitiva e sujeitos dativos em línguas do mundo, mostrando sua relação com o trabalho de pesquisa realizado; na seção 5, discutimos o conceito de Marcação Diferencial do Sujeito e finalmente apresentamos o resumo do capítulo na seção 6.

3.1 O QUE É CASO?

Sistemas de Caso sempre chamaram atenção daqueles interessados em compreender a linguagem humana. Conforme Butt (2006b, p. 1), “o pensamento linguístico moderno, praticado no mundo ocidental, é influenciado diretamente por tradições gramaticais ininterruptas que remontam aos mundos grego e romano antigos.” A autora afirma que isso é especialmente verdade quando tratamos de Caso, uma vez que usamos a mesma nomenclatura proposta pelos romanos 2000 anos atrás (BUTT, 2006b, p. 1). Basicamente, a autora explica que nenhuma teoria possui uma resposta final para os sistemas de Caso nas línguas humanas. Por isso é que tal tópico ainda chama bastante atenção. Butt (2006b) apresenta essas teorias, tendo em conta as várias tradições clássicas (greco-romana, indiana, árabe) e tomando por base as teorias linguísticas mais recentes. Para explicar a importância dos sistemas de Casos, a autora assume que “marcação explícita de Caso é proveitosa para o estabelecimento de papéis semânticos dos nomes (e pronomes) e seu relacionamento sintático com o verbo” (BUTT, 2006b, p. 4).

Já Fillmore (1968, p. 23), em seu trabalho seminal, afirma que a noção gramatical de Caso merece um lugar no componente sintático da gramática de toda língua. Daí já é possível perceber a importância de tal noção para os estudos que venham a ser efetuados com línguas que apresentam rico sistema

de Caso. Conforme Fillmore, pesquisas sobre sistemas de Caso demonstraram haver uma variedade de relacionamentos semânticos possíveis entre sintagmas nominais e posições sintáticas na sentença. Outro ponto importante discutido por Fillmore (1968, p. 24) são as ‘categorias secretas⁴’, as quais são para ele um conceito que demonstra que, no fundo, todas as línguas são iguais, pois todas fazem distinção sintático-semântica entre sujeitos e objetos na sentença. Para tal, comparem-se os exemplos abaixo:

- (1) John ruined the table.
- (2) John built the table.

Fillmore propõe que a diferença entre os objetos das sentenças é puramente semântica, uma vez que não há marcação morfológica de Caso na gramática do inglês. Nota-se que, na sentença em (1), o objeto já existia previamente e sofre com a ação de John, enquanto na sentença em (2) o objeto passa a existir a partir da ação de John. Daí já se nota a importância de estudar os sistemas de Caso nas línguas naturais sob uma perspectiva sintático-semântica, especialmente aquelas que apresentam Caso morfológico.

⁴ “Many recent and not-so-recent studies have convinced us of the relevance of grammatical properties lacking obvious ‘morphemic’ realizations but having a reality that can be observed on the basis of selectional constraints and transformational possibilities.” (FILLMORE, 1968, p. 24)

Em suma, assumirei, doravante, que Caso pode ser entendido como o produto final da relação gramatical que se dá entre um verbo, também chamado de núcleo da sentença, e seus argumentos imediatos. Pode ser subdivido em dois subtipos, a saber: Caso inerente ou Caso estrutural. Caso inerente é aquele diretamente relacionado ao papel semântico dos argumentos, enquanto Caso estrutural está diretamente relacionado com a posição do argumento na sentença.

Woolford (2006) propõe outra divisão: Caso estrutural e não estrutural. Esta última categoria, por sua vez, inclui Caso lexical e Caso inerente. Nesse sentido, o Caso lexical é idiossincrático, selecionado e licenciado por certo núcleos lexicais, enquanto Caso inerente está diretamente associado ao papel semântico do argumento. Uma diferença principal entre eles é que Caso lexical ocorre apenas em argumentos internos/tema, nunca em argumentos externos ou DPs deslocados de sua posição, enquanto Caso inerente nunca ocorre em argumentos internos/temas, pois em geral marca argumentos externos de verbos transitivos de ação (WOOLFORD, 2006, p. 113).

Sistemas de Caso são, em geral, organizados, entre outros, em dois tipos de alinhamentos: o nominativo-acusativo e o ergativo-absolutivo. O primeiro é bastante comum em línguas europeias e ocorre quando o sujeito de um verbo transitivo recebe o mesmo tratamento que o sujeito de um verbo intransitivo,

em oposição ao tratamento recebido pelo objeto direto. Esta é a situação gramatical no Latim, Grego, Alemão, dentre outras línguas. O segundo tipo de alinhamento marca gramaticalmente o sujeito de um verbo transitivo de maneira distinta ao sujeito do intransitivo. Este, por sua vez, é marcado de maneira idêntica ao objeto direto de verbos transitivos. Esse é o sistema de Caso que se observa no Basco, o qual será mais bem explicado na próxima seção.

3.2 CARACTERÍSTICAS DE UMA LÍNGUA ERGATIVA

De acordo com Dixon (1994), o termo ergatividade é usado para descrever o padrão gramatical que acontece quando o sujeito (S) de um verbo intransitivo é tratado da mesma forma que o objeto (O) de um verbo transitivo, diferentemente do sujeito (A) de um verbo transitivo. Esta propriedade é que difere uma língua nominativa de uma língua ergativa. Para tal, compare-se o conjunto de dados a seguir:

INUIT:

(3) Jaani-up natsiq-∅ kapi-jaNa
 Jaani-ERG foca-ABS apunhalar-TRANS
 “Jaani apunhalou uma foca”

(DUARTE, 2012)

- (4) inuk-∅ tikit-tuq
 pessoa-ABS chegou
 “a pessoa chegou”

(DUARTE, 2012)

- (5) ilinniaqtitsiji-∅ uqaq-tuq
 professor-ABS falou
 “o professor falou”

(DUARTE, 2012)

Consoante Dixon (1994), muitas línguas possuem uma mistura de sistemas ergativos e sistemas acusativos, ocasionando o surgimento de sistemas cindidos. Tais cisões possuem motivações semânticas, de sorte que se faz sempre necessário explicarmos as razões por que tais sistemas são engatilhados. Tal situação parece se dar em línguas da família Jê, que, em geral, possuem uma mistura de sistemas, sendo assim chamadas de ergativas cindidas, como será visto mais adiante. Dixon dedicou um capítulo a investigar os tipos de cisões ergativas encontrados em várias línguas no mundo, classificando os tipos de cisões e agrupando-os. Alguns dos elementos apontados por ele como responsáveis pela cisão de caso são os seguintes:

- a) cisão condicionada pela natureza semântica do verbo;
- b) cisão condicionada pela natureza semântica dos NPs;
- c) cisão condicionada por tempo/aspecto/modo;
- d) cisão entre orações ‘principais’ versus ‘subordinadas’.

Exemplos de línguas ergativas cindidas são o Basco e o Georgiano, nas quais os sujeitos dos verbos de ação vêm sempre marcados com o Caso ergativo, independentemente de os verbos serem transitivos ou intransitivos (DUARTE, 2012, p. 275), conforme os exemplos abaixo:

BASCO:

- (6) Miren-ek atea ireki du
 Miren-ERG porta-NOM abrir AUX
 “Miren abriu a porta”

(LEVIN, 1989 *apud* DUARTE, 2012)

- (7) gizona-k kurritu du
 homem-ERG correr AUX
 “o homem correu”

(LEVIN, 1983 *apud* DUARTE, 2012)

GEORGIANO:

- (8) Vano-m gamozarda dzma
 Vano-ERG levantar irmão
 “Vano levantou o irmão”

(DUARTE, 2012)

- (9) bavʃv-ma itira
 criança-ERG gritar
 “a criança gritou”

(DUARTE, 2012)

Dixon (1994, p. 104) mostra ainda que “há línguas que combinam dois ou até três fatores condicionantes para o engatilhamento do sistema ergativo-absolutivo.” Um bom exemplo que combina os dois fatores surge em línguas Jê. Tal situação se dá no Laklãnõ (Xoklég), em que ergatividade é condicionada pelo tipo de oração e por aspecto. Exemplos de ergatividade condicionado pelo aspecto do verbo são mostrados abaixo.

LAKLÃNÕ:

- (10) tí tẽŋ wã
 he go STV
 ‘he went.’

(URBAN, 1985)

- (11) ti tō ti penũ wã
 he ERG he shoot STV
 'he shot him.'

(URBAN, 1985)

- (12) tã wũ tẽ mũ
 he NOM go ACT
 'he went.'

(URBAN, 1985)

- (13) tã wũ ti penũ mũ
 he NOM he shoot ACT
 'he shot him.'

(URBAN, 1985)

Nos exemplos (10) e (11) acima, as sentenças ocorrem no sistema ergativo absolutivo, pois tratam o sujeito do verbo transitivo em oposição ao sujeito do intransitivo e o objeto do transitivo, os quais recebem tratamento semelhante. Nos exemplos (12) e (13), os sujeitos do intransitivo e transitivo recebem tratamento semelhante, em oposição ao objeto. Em Laklãnõ, os aspectos que condicionam a cisão ergativa são ativo e estativo. O primeiro tem foco na ação, o segundo tem foco nos resultados.

No alinhamento nominativo-acusativo, geralmente o acusativo é o Caso marcado, mas, em Laklãñõ, o Caso nominativo é marcado morfologicamente (DIXON, 1979 *apud* URBAN, 1985, p. 166). Por essa razão, este autor classifica o sistema nominativo-acusativo dessa língua dentre os tipos ‘nominativos marcados’ propostos por Dixon. A cisão condicionada por aspecto do verbo é válida apenas para orações principais, pois orações subordinadas engatilham sempre o sistema ergativo. A seguir, mostramos exemplos de ergatividade cindida condicionada pelo tipo de oração.

LAKLÃÑÕ:

- (14) [tí tawi] kũ [mã ti weŋ tẽ]
 he arrive-SG-STV CONJ 2-NOM he see-ACT IMPERF
 ‘when he arrives, you are going to see him.

(URBAN, 1985)

- (15) [ẽ tõ ujol tãŋ] kolkũ [tã tawiŋ tẽ]
 COREF ERG tapir kill after he arrive-SG-ACT IMPERF
 ‘after he kills the tapir, he is going to arrive.’

(URBAN, 1985)

Nos exemplos acima, as sentenças principais, as quais aparecem em segunda posição, estão no aspecto ativo, que engatilha o sistema nominativo-

acusativo; mas as sentenças subordinadas engatilham sempre sistema ergativo. Note que o sujeito da oração subordinada em (14) é codificado diferentemente do sujeito da oração principal em (15).

De acordo com Silva (2011, p. 100), em Pykobjê-Gavião, uma das línguas Timbira, o Caso ergativo é marcado pela partícula {-te}, mostrando que há um sistema ergativo-absolutivo na língua. Ainda segundo a autora, nesta língua Timbira, a ergatividade “não é plena, pois apresenta cisão baseada em tempo-aspecto,” ocorrendo apenas no tempo passado (SILVA, 2011, p. 101). Finalmente, no tempo passado, há distribuição complementar com a partícula de caso dativo {-mỹ}. Ou seja, se o sujeito do verbo transitivo for [+EXPERIENCIADOR], recebe a marca de caso dativo {-mỹ}, ao passo que se for [+AGENTE], receberá o Caso ergativo. Tal sistema pode ser mais bem percebido pelos exemplos a seguir.

PYKOBJÊ:

(16) copry-te cõ japrö
 menina-ERG água comprar
 ‘a menina comprou água’

(SILVA, 2011)

- (17) aa-te hyj petxet cor
 2PD-ERG laranja umQUANT comer
 ‘você comeu uma laranja’

(SILVA, 2011)

- (18) hōmre-mỹ e’-cre’cret
 homem-DAT 3PD-ter.medo/medroso
 ‘o homem tem medo/está medroso’

(SILVA, 2011)

- (19) mam co-mỹ cö xen
 PR 3PD-DAT água gostar
 ‘antigamente, ele gostava de água’

(SILVA, 2011)

Além das características ilustradas acima, o grupo Timbira apresenta outras peculiaridades quando se trata da marcação diferencial do sujeito. Por exemplo, a falta de marca morfológica de Caso no argumento quando se trata de sujeito do verbo intransitivo (SILVA, 2011, p. 101). Em suma, este é um dos temas principais desta pesquisa, no intuito de contribuir com a descrição dos alinhamentos sintáticos que existem no conjunto de línguas pertencentes ao grupo Timbira.

3.3 CISÃO INTRANSITIVA

Holisky (1987) busca reportar o uso do Caso ergativo em sujeitos de verbos intransitivos em Batsbi. Nesta língua ergativa, o sujeito de verbos intransitivos e objetos de verbos transitivos recebem marca distinta da do sujeito de verbos transitivos. Entretanto, a ergatividade nessa língua não é plena, pois alguns sujeitos de verbos intransitivos podem vir marcados com o Caso ergativo. Em Batsbi, os objetos de todas as sentenças transitivas e sujeitos não pronominais de sentenças intransitivas recebem a mesma marcação de Caso, aqui chamada de nominativo; já os sujeitos de todas as sentenças transitivas recebem Caso ergativo.

De acordo com a descrição oferecida por Holisky (1987, p. 104), todos os verbos da língua podem ser classificados como transitivos ou intransitivos, mas há uma cisão de pessoa na marcação de Caso. Ou seja, se o sujeito for de terceira pessoa, a língua apresenta alinhamento ergativo regular, como se vê nos exemplos abaixo.

BATSBI:

(20) bader dah" dapx-dalĩ (Intransitive)
 child-NOM PVB undress-AOR
 ‘the child got undressed.’

(HOLISKY, 1987)

- (21) k'nat-ev bader dah" dapx-diě (Transitive)
 boy-ERG child-NOM PVB undress-AOR-3
 'the boy undressed the child.'

(HOLISKY, 1987)

- (22) surat ese qaic'-U (Intransitive)
 picture-NOM here hang-PRES
 'the picture is hanging here.'

(HOLISKY, 1987)

- (23) bedr-ev surat qoc'-jiě (Transitive)
 child-ERG picture-NOM hung-AOR
 'the child hung the picture.'

(HOLISKY, 1987)

Entretanto, se o sujeito for de primeira ou segunda pessoa, o padrão muda. Assim, sentenças transitivas com sujeitos de primeira e segunda pessoa permanecem ergativas, mas sentenças intransitivas apresentam sujeitos ora marcados com nominativo ora marcados com ergativo. O que chama a atenção aqui são os contextos em que o verbo pode engatilhar ora Caso nominativo, ora Caso ergativo. Este sistema constitui, portanto, em uma 'marcação variável', similar à marcação fluida de sujeito intransitivo, tal como relatada por Dixon (HOLISKY, 1987, p. 105). Vejam-se os exemplos a seguir:

BATSBI:

- (24) (as) dah" japx-jail-n-as
 1SG-ERG PVB undress-AOR-1SG-ERG
 ‘I got undressed.’

(HOLISKY, 1987)

- (25) (so) xe-n-mak qac'-u-sO
 1SG-NOM tree-DAT-on hang-PRES-1SG-NOM
 ‘I’m hanging in a tree.’

(HOLISKY, 1987)

- (26) (as) vuiž-n-as
 1SG-ERG fell-AOR-1SG-ERG
 ‘I fell down, on purpose.’

(HOLISKY, 1987)

- (27) (so) vož-en-sO
 1SG-NOM fell-AOR-1SG-NOM
 ‘I fell down, by accident.’

(HOLISKY, 1987)

Sobre essa aparente irregularidade, a autora afirma que a literatura não deixa claro se tal variação na marcação de Caso desses sujeitos é sistemática ou não ou mesmo se ela ainda ocorre na língua (HOLISKY, 1987). Acerca dessa

questão, ela afirma que, entre os autores que fizeram a descrição desse fenômeno, apenas dois trabalharam com falantes nativos da língua. Isso aponta para a importância de análises feitas diretamente com falantes das línguas analisadas. A partir disso, é iniciada a análise buscando explicar os parâmetros que orientam tal fenômeno em Batsbi.

Para iniciar, a autora discute sobre como fatores semântico-pragmáticos podem determinar a marcação diferencial do sujeito intransitivo. Conforme Holisky (1987, p. 106), os fatores que estão em jogo são a agentividade do sujeito e as propriedades de volição e de controle que o participante tem sobre o evento. Em resumo, a análise mostra que a língua opera em um sistema ergativo-absolutivo, no qual sujeitos intransitivos pronominais podem se alinhar ora a sujeitos, ora a objetos, ou mesmo a ambos. O padrão de marcação desses sujeitos é apresentado nos seguintes níveis:

- a) intransitivos com apenas Caso nominativo;
- b) intransitivos com ‘marcação variável’;
- c) intransitivos com apenas Caso ergativo;

Sobre os intransitivos com ‘marcação variável’, podem ser divididos em contextos nos quais o nominativo é a norma, mas ergativo é possível; ambos nominativo e ergativo são possíveis, sem preferência por um ou outro; ergativo

é a norma, mas nominativo é possível. Finalmente, a ‘marcação variável’ não é arbitrária, mas está de acordo com o significado do verbo mais o conhecimento de mundo (questões pragmáticas). Assim, a marcação de Caso forma grupos semânticos bem definidos (HOLISKY, 1987, p. 113).

A contribuição da análise realizada por Holisky para o Batsbi é muito importante neste trabalho, pois as línguas Timbira também apresentam cisão intransitiva. Sobre essa cisão, sabe-se que ocorre principalmente em sujeitos pronominais, mas seus condicionamentos devem ainda ser investigados, pois a cisão não é a mesma para todas as línguas daquele grupo, como será mostrado posteriormente. Portanto, a análise aqui apresentada oferece suporte para investigar quais fatores condicionam as cisões em Timbira, os quais estão relacionados ao traço aspectual da sentença e à semântica do verbo.

3.4 SUJEITOS DATIVOS

Klaiman (1980) apresenta o sujeito dativo em Bengali. A primeira hipótese apresentada pela autora é a de que sujeitos dativos expressam experiências do sujeito, isso é, experiências que ocorrem no corpo ou na mente do experienciador. Estas são as propriedades semânticas intrínsecas a esses sujeitos. A segunda hipótese apresentada é a do ‘recipiente’, que diz que sujeitos dativos são na verdade recipientes em nível semântico. Isso se deve ao

fato de haver uma tendência entre as línguas do mundo de marcarem seus sujeitos dativos com a mesma marca de Caso dos objetos indiretos. Como citado pela autora, “alguns sujeitos não são nem agente nem paciente em sentenças que envolvem noções verbais de sensação, emoção e cognição; nesses casos, tais sujeitos são em geral o recipiente.” Esta hipótese se mostra fraca porque algumas línguas do mundo marcam seus sujeitos dativos e objetos indiretos diferentemente, como é o caso do Bengali, quando sujeitos dativos são marcados com o Caso genitivo, enquanto objetos indiretos são marcados como objetos diretos.

A terceira hipótese de Klaiman (1980) para explicar o sujeito dativo em Bengali compreende o conceito de volição, aqui entendido como a propriedade semântica [CONTROLE]. Após realizar testes sobre a relação entre volição do sujeito e marcação de Caso, Klaiman chega à conclusão de que sujeitos dativos são semanticamente não volicionais, também podendo ser entendidos como detentores da propriedade [-CONTROLE], confirmando que volição é o parâmetro de acordo com o qual os falantes escolhem entre as alternâncias entre dativo *versus* não dativo, conforme mostram os dados a seguir:

BENGALI:

- (28) taar kaasi hocche
 his cough is-becoming
 'he is coughing.'

(KLAIMAN, 1980)

- (29) se kaasche
 he is-coughing
 'do.' (on purpose)

(KLAIMAN, 1980)

Notem que o Caso dativo nos dados acima expressa uma experiência intrínseca ao sujeito, validando, assim, a hipótese de que o Caso dativo está diretamente relacionado à noção de que o participante é o recipiente do evento. Nesse sentido, a propriedade [+EXPERIENCIADOR] no sujeito engatilha a mesma marca de Caso da propriedade [+BENEFICIÁRIO] ou [+ALVO].

As línguas do grupo Timbira apresentam sujeitos dativos, tanto em sentenças transitivas quando intransitivas. A análise realizada por Klaiman (1980) para a língua Bengali oferece assim subsídios para nossa análise, a ser desenvolvida sobre o estatuto gramatical do Caso dativo em línguas do grupo Timbira, uma vez que é comum que essas línguas usem sujeitos dativos para denotarem que estes possuem a propriedade [-CONTROLE].

Tendo em conta a proposta acima, nossa análise se baseará nos pressupostos oferecidos por Klaiman (1980) para investigar os fatores que condicionam o aparecimento do Caso dativo em Timbira.

3.5 MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO SUJEITO

BUTT (2006a) discute que, embora ainda muito popular, a divisão clássica entre Caso estrutural e inerente não é suficiente para dar conta dos complexos sistemas de Caso nas línguas do mundo. A autora afirma que a contribuição semântica dos sistemas de Caso não pode ser relegada ao domínio da estipulação lexical. A autora defende a hipótese segundo a qual a marcação de Caso nos argumentos obedece a condições sintático-semânticas regulares. Butt (2006a) afirma ainda que atualmente diversas análises de interface sintático-semânticas sofisticadas levam em consideração a interpretação aspectual e o tipo semântico dos objetos, mas a ocorrência de sujeitos não nominativos é ainda atribuída a idiosincrasias lexicais.

A partir desses problemas apresentados, a autora tem como objetivo investigar os fatores semânticos que governam as alternâncias na marcação do Caso do sujeito e do objeto. Para tanto, vejam-se os exemplos do Urdu:

URDU:

- (30) ram k^hās-a
 Ram.M.SG.NOM cough-PERF.M.SG
 ‘Ram coughed.’

(BUTT, 2006a)

- (31) ram=ne k^hās-a
 Ram.M.SG.ERG cough-PERF.M.SG
 ‘Ram coughed (purposefully).’

(BUTT, 2006a)

Butt (2006a) menciona que as alternâncias de sujeito nas quais o ergativo alterna com o nominativo são relativamente conhecidas na literatura. Mas há fatores semânticos que parecem estar na raiz da maioria das alternâncias de Caso e esses fatores devem ser examinados com muito cuidado. Butt & King (1991, 2003, 2005 apud BUTT, 2006a) argumentam que a divisão entre Caso inerente e estrutural não é sofisticada o bastante para dar conta das interações complexas entre morfologia, sintaxe e semântica que os sistemas de Caso geralmente empregam nas línguas naturais. As autoras propõem que é necessário examinar os sistemas de alinhamento de uma língua como um todo para reconhecer e entender os usos de diferentes marcas morfológicas de Caso.

Conforme a Teoria da Marcação Diferencial de Caso, doravante DCT, Caso tem função tanto sintática quanto semântica (BUTT, 2006a, p. 71). A partir desse pressuposto, sabe-se que a marcação diferencial nas línguas oferece informação sintática e semântica para a análise da sentença, de sorte que as alternâncias na marcação de Caso podem denotar contrastes semânticos importantes nas línguas. Os exemplos abaixo ilustram essa alternância em Urdu.

URDU:

(32) nadya=ko zu ja-na he
 Nadya.F.SG=DAT zoo.M.SG.LOC go-INF.M.SG be.PRES.3.SG
 ‘Nadya has/wants to go to the zoo.’
 (BUTT, 2006a)

(33) nadya=ne zu ja-na he
 Nadya.F.SG=ERG zoo.M.SG.LOC go-INF.M.SG be.PRES.3.SG
 ‘Nadya wants to go to the zoo.’
 (BUTT, 2006a)

É importante notar que o tipo preciso de marcação a ser usado depende de como o sistema de Caso de uma língua funciona como um todo. Por exemplo, Butt (2006a) menciona que línguas não ergativas tendem a empregar

o Caso genitivo nos contextos em que línguas ergativas empregam o Caso dativo. Esse é o caso da língua Bengali, como mostrado na seção anterior.

Sobre a marcação de Caso em argumentos externos nas línguas Timbira, nota-se que sujeitos de verbos transitivos podem receber até três marcas de Caso diferentes, a saber: o ergativo, o nominativo e o dativo. Tendo por base a DCT, proposta por Butt (2006a) e por Butt & King (1991, 2003, 2005), ficamos em condições de compreender os fatores sintático-semânticos que governam os sistemas de alinhamento de Caso em Parkatejê e Apaniekrá.

Nos próximos capítulos, assumiremos que (i) o Caso ergativo é inerente e ocorre apenas em sujeitos agentes com a propriedade semântica de [+CONTROLE], sempre em orações que apresentem o traço aspectual [+PERFECTIVO]; (ii) o Caso dativo também é inerente e sua ocorrência marca sujeitos participantes com as propriedades semânticas de [+AFETADO, -CONTROLE]; (iii) o Caso nominativo é estrutural e está relacionado diretamente à noção de finitude, ou seja, quando há tempo na oração; e (iv) sujeitos de verbos intransitivos também recebem marcação diferencial, condicionada ora pela semântica do verbo, ora pelo traço aspectual da sentença.

3.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico que orienta esta pesquisa. Ao perpassar de uma perspectiva ampla acerca do conceito de Caso até discussões mais aprofundadas sobre fenômenos linguísticos encontrados nas línguas do grupo Timbira, mostramos que as referências usadas contribuem para a análise proposta. Para tanto, discutimos principalmente sobre cisão intransitiva, sujeitos dativos e marcação diferencial do sujeito em línguas do mundo, buscando parâmetros de investigação dos mesmos fenômenos em Timbira.

CAPÍTULO 4: SISTEMAS DE CASO EM PARKATEJÊ

Este capítulo tem por objetivo investigar os alinhamentos sintáticos que ocorrem na língua Parkatejê. Esta língua opera com dois alinhamentos sintáticos, o ergativo-absolutivo e o nominativo-acusativo. Ou seja, não apresenta ergatividade plena, uma vez que a ergatividade é condicionada por aspecto perfectivo. Por sua vez, se o verbo se apresenta em aspecto não perfectivo, o sistema de Caso será o nominativo-acusativo.

Outro objetivo é demonstrar que o Parkatejê apresenta Marcação Diferencial de Sujeito, doravante DSM. Este padrão é indicado na língua pela alternância regular nas marcações de Caso no sujeito do verbo transitivo, que pode receber os Casos ergativo e nominativo, sendo condicionada tal marcação tanto por aspecto verbal, quanto pela classe semântica do sujeito transitivo. Por sua vez, os sujeitos de verbos intransitivos também apresentam marcação diferencial, condicionada principalmente pela classe semântica do verbo.

O capítulo está organizado em quatro seções, a saber: na seção 1, apresentamos o sistema de pronomes pessoais da língua Parkatejê; na seção 2, investigamos o funcionamento do sistema ergativo-absolutivo, assim como as condições que levam ao engatilhamento do sistema nominativo-acusativo; na seção 3, examinamos o estatuto do Caso dativo em Parkatejê e sua conexão

com o aparecimento do sistema de marcação diferencial do sujeito. Por fim, a seção 4 apresenta o resumo do capítulo.

4.1 O SISTEMA PRONOMINAL

Ferreira (2003, p. 60) afirma que o Parkatejê apresenta sua classe de pronomes dividida em pronomes pessoais, reflexivo, recíproco, demonstrativos, indefinidos e interrogativos. Cada um ocorre em contextos específicos, mas apenas os pronomes pessoais serão usados na análise a ser apresentada nesta seção. Esta classe de pronomes em Parkatejê é dividida em pronomes presos e pronomes livres. Os primeiros são considerados prefixos que devem obrigatoriamente vir afixados ao verbo ou, em alguns casos, a alguma posposição marcadora de Caso. Já os pronomes livres são por si só formas não afixadas a nenhum verbo ou posposição e apresentam uso independente. Para se entender o uso dos pronomes pessoais em Parkatejê, é essencial conhecer a semântica do verbo, pois esta interfere diretamente na escolha do pronome dependente ou livre. Os pronomes dependentes ocorrem nos seguintes contextos sintáticos:

- argumento **S_O** de verbos intransitivos não ativos;
- argumento **O** de verbos transitivos;
- argumento **A** acompanhado pela posposição {-te} de Caso ergativo;
- argumentos **S** e **A** de verbos psicológicos/estativos, acompanhados pela posposição {-mã} de Caso dativo;
- argumento oblíquo de verbos transitivos estendidos, como ‘dar’.

Os pronomes livres ocorrem, por sua vez, nos seguintes contextos sintáticos:

- argumentos **S_A** de verbos intransitivos ativos;
- argumentos **A** de verbos transitivos em seu aspecto não-realizado.

As classes de pronomes pessoais são complementares, uma vez que nunca ocorrem em ambientes sintáticos semelhantes. Por exemplo, pronomes livres nunca ocorrem como objetos de verbos transitivos. Tal situação nos apresenta como um fato bastante relevante ao estudo dessa classe em Parkatejê, pois a escolha dos pronomes também está ligada à marcação de Caso na língua, como será explicado mais adiante. Os exemplos a seguir mostram as ocorrências dos pronomes pessoais de primeira pessoa do singular nos contextos descritos acima.

FUNÇÃO DE S₀:

- (1) ri i- tũm -re
 já 1- ser.velho -ATEN
 ‘eu já estou velho.’

(FERREIRA, 2003)

FUNÇÃO DE O:

- (2) ita tɛ i- kakwĩn
 DEM ERG 1- bater+NF
 ‘isto me bateu.’

(FERREIRA, 2003)

FUNÇÃO DE A NO ALINHAMENTO ERGATIVO:

- (3) i- tɛ i- kra prẽr
 1- ERG 1- filho acordar+NF
 ‘eu acordei meu filho.’

(FERREIRA, 2003)

FUNÇÃO DE S E A COM A MARCA DE CASO DATIVO:

- (4) i- mǎ prõm nĩre
 1- DAT ter.fome INTENS
 ‘eu estou com muita fome.’

(FERREIRA, 2003)

- (5) i- mǎ tek prēm
 1- DAT jogar ter.vontade
 ‘eu estou com vontade de jogar.’

(FERREIRA, 2003)

FUNÇÃO DE ARGUMENTO OBLÍQUO:

- (6) jorge aiku i- mǎ ho hōr
 NPR PR 1- DAT folha dar
 ‘Jorge dava dinheiro para mim.’

(FERREIRA, 2003)

FUNÇÃO DE S_A:

- (7) wa mǎ mǎ
 eu MOV ir
 ‘eu vou.’

(FERREIRA, 2003)

FUNÇÃO DE A NO ALINHAMENTO ACUSATIVO:

- (8) wa kotay kate
 eu cupuaçu quebrar
 ‘eu quebro cupuaçu.’

(FERREIRA, 2003)

As tabelas a seguir apresentam o inventário completo de pronomes pessoais dependentes e livres de primeira e segunda pessoa, singular e plural, em Parkatejê.

QUADRO 4.1: PRONOMES DE PRIMEIRA E SEGUNDA PESSOA EM PARKATEJÊ				
		livres	dependentes	
1	singular		wa / pa	i-
	dual		ku	ku-
	plural	dual	ku...mẽ	ku... mẽ-
		exclusivo	wa... mẽ	mẽ...i-
		inclusivo	mpa	mpa-
2	singular		ka	a-
	plural		ka... mẽ	mẽ...a-

Fonte: adaptado de FERREIRA (2003, p. 61).

Conforme Ferreira (2003), não há formas de pronomes pessoais livres nem formas dependentes para a terceira pessoa. Entretanto, Ribeiro-Silva (2016) investigou a expressão da terceira pessoa e identificou as ocorrências apresentadas na tabela a seguir.

QUADRO 4.2: PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA EM PARKATEJÊ						
	Sujeitos de verbos ativos (A, S_A) no tempo não passado		Sujeitos de verbos ativos (A, S_A) no tempo passado		Sujeitos de verbos estativos (S_O)	Objeto (O)
	Futuro	Presente	Recente	Distante		
	Pronome livre		Pronome dependente	Pronome livre	Pronome dependente	
3SG	ke	∅	∅-	tam	h-/i-/ku-/m-	
3PL	ke...mẽ	mẽ...∅	mẽ ∅-	tam	mẽ h-/i-/ku-	

Fonte: adaptado de RIBEIRO-SILVA (2016, p. 78).

Além de ocorrerem nas posições sintáticas de O e S_O, os pronomes dependentes também podem ocorrer como marcadores de posse tanto de objetos alienáveis quanto inalienáveis, conforme se verifica nos exemplos a seguir:

MARCADORES DE POSSE:

- (9) i- kra
 1- filho
 ‘meu filho’

(FERREIRA, 2003)

- (10) i- 3- ã- rɔp
 1- REL- POS- cachorro
 ‘meu cachorro’

(FERREIRA, 2003)

A partir da análise dos pronomes pessoais em Parkatejê, é possível seguir adiante com a análise dos sistemas de Caso na língua. Na seção a seguir, apresentamos os alinhamentos sintáticos com os quais essa língua opera.

4.2 ALINHAMENTOS DE CASO

Acompanhando a proposta de Ferreira (2003), podemos assumir, com certa segurança, que a língua Parkatejê opera com dois sistemas de alinhamentos distintos e complementares, resultando em marcação diferente do argumento externo do verbo. O primeiro é o alinhamento ergativo-absolutivo, o qual ocorre quando o sujeito do verbo transitivo de ação aparece marcado com a posposição {-te} nos contextos em que o verbo está no aspecto perfectivo. Exemplo que mostra ocorrência do sujeito marcado com o Caso ergativo é arrolado abaixo:

- (11) i- tɛ kokikti nã tɔn
 1- ERG café ? fazer+NF
 ‘eu fiz café’ *lit.* ‘eu passei/coei café.’

(FERREIRA, 2003)

O segundo é o alinhamento nominativo-acusativo, que se dá quando o sujeito de um verbo transitivo ativo é marcado com o Caso nominativo, cuja marca na língua é {-ø}. Diferentemente do Caso ergativo, o Caso nominativo aparece sempre que o verbo se encontra no aspecto não perfectivo, como se vê no exemplo abaixo.

- (12) wa -ø kokikti nã tɔ
 eu -NOM café ? fazer
 ‘eu faço café.’

(FERREIRA, 2003)

Note-se que no exemplo (11) o verbo ‘fazer’ aparece como /tɔn/, em oposição a /tɔ/ no exemplo (12). Verbos transitivos de ação em línguas do grupo Timbira podem ser assim divididos em duas formas: finita e não finita. A primeira é a forma do aspecto não perfectivo, enquanto a segunda marca os

aspecto perfectivo. Por esta razão, a distinção aspectual será muito relevante para o engatilhamento de um ou outro sistema de Caso.

Nesta linha de investigação, a hipótese que desenvolvemos nesta dissertação é a de que o sistema de Caso em Parkatejê apresenta cisão condicionada por aspecto. Mais precisamente, assumiremos que, se o verbo estiver no aspecto perfectivo, emerge o sistema ergativo-absolutivo. Já se o verbo figurar no aspecto imperfectivo, o sistema de Caso será o nominativo-acusativo. Em suma, dependendo do traço aspectual do verbo, a língua Parkatejê pode acionar o sistema ergativo ou acusativo. Nas próximas subseções, focalizamos cada sistema. Começamos então com a análise detalhada do sistema de alinhamento ergativo-absolutivo.

4.2.1 SISTEMA DE ALINHAMENTO ERGATIVO-ABSOLUTIVO

Observa-se que, no sistema ergativo-absolutivo, apenas sujeitos de verbos transitivos ativos são marcados com o Caso ergativo. Este Caso é realizado na morfossintaxe por meio da posposição {-te}, que é afixada ao sujeito do verbo transitivo para indicar que este realizou a ação. Observa-se ainda que esta marca de Caso ergativo surge somente quando o verbo está no aspecto perfectivo, conforme ilustram os dados abaixo.

SUJEITOS PRONOMINAIS RECEBENDO CASO ERGATIVO:

- (13) i- tɛ rɔp kaprek
 1- ERG cachorro bater+NF
 ‘eu bati no cachorro.’

(FERREIRA, 2003)

- (14) i- tɛ piare pupun
 1- ERG NPR REL-ver+NF
 ‘eu vi o Piare.’

(FERREIRA, 2003)

- (15) a- tɛ i- prẽr
 2- ERG 1- acordar+NF
 ‘tu me acordaste.’

(FERREIRA, 2003)

- (16) a- tɛ ita tɔn
 2- ERG DEM fazer+NF
 ‘tu fizeste isso.’

(FERREIRA, 2003)

SUJEITOS NÃO PRONOMINAIS RECEBENDO CASO ERGATIVO:

- (17) ton tɛ i- katʃwir
 tatu ERG 1- furar+NF
 ‘o tatu me furou.’

(FERREIRA, 2003)

- (18) kukrit tɛ i- pãr
 anta ERG 1- farejar+NF
 ‘a anta me farejou.’

(FERREIRA, 2003)

- (19) i-kra tɛ i-ʒ-õ kuwe kwĩn
 1-filho ERG 1-REL-POS arco quebrar+NF
 ‘meu filho quebrou meu arco.’

(FERREIRA, 2003)

De acordo com Araújo (1989 *apud* Ferreira, 2003), “dentre os verbos ativos há, ainda, uma divisão binária entre os que têm forma longa quando a sentença é marcada para tempo passado/aspecto completo e os que têm forma única.” Ferreira (2003) afirma ainda não ter verificado um mecanismo único para a forma longa dos verbos. As formas longas, aqui chamadas de forma não finita, são em geral formadas pelo acréscimo de uma consoante à raiz verbal,

não sendo possível até então formular uma única regra para sua formação, pois o fenômeno parece ser condicionado lexicalmente (FERREIRA, 2003, p. 113).

De acordo com Araújo (2016), o verbo ‘bater’ /kaprek/ é um verbo de forma única, ou seja, possui a mesma realização para suas formas finita e não finita, mas note que os outros verbos se encontram em sua forma não finita (final em ‘r’ ou ‘n’), indicando uma ação perfectiva. Note ainda que, em todos os exemplos acima, o sujeito recebe a marca de Caso ergativo {-te}, uma vez que os verbos são transitivos de ação e estão situados no aspecto perfectivo.

Faz-se importante salientar que tanto verbos intransitivos quanto verbos transitivos, que indicam algum tipo de ação, apresentam formas finitas e não finitas. O verbo intransitivo não ativo ‘chegar’, por exemplo, apresenta alternância entre as formas /katɔ/ e /kator/. Esta alternância é utilizada sempre para indicar a diferença entre aspectos não perfectivo e perfectivo, respectivamente. Há, ainda, verbos que possuem formas homófonas para suas formas finitas e não finitas, como é o caso de ‘falar’ /kakok/ e ‘bater’ /kaprek/. O quadro a seguir apresenta as ocorrências de alguns verbos, de acordo com essa distinção mórfica:

QUADRO 4.3: FORMAS FINITAS E NÃO FINITAS DE ALGUNS VERBOS					
Intransitivos			Transitivos		
Português	Forma não finita	Forma finita	Português	Forma não finita	Forma finita
‘esconder-se’	amtʃur	amtʃu	‘pegar’	pir	pi
‘ir’	tẽn	tẽ	‘fazer’	ton	to
‘ir’	mõn	mõ	‘carregar’	pẽn	pẽ
‘deitar-se’	hõn	hõ	‘dar’	hõr	hõ
‘banhar-se’	tʃwan	tʃwa	‘cavar’	tokrẽ	tokrẽ
‘chegar’	kator	kato	‘quebrar’	kahek	kahek
‘falar’	kakok	kakok	‘bater’	kaprek	kaprek
‘correr’	prõt	prõt	‘bater’	kakwĩn	kakwĩ
‘cair’	pip	pip	‘acordar’	prẽr	prẽ
‘morrer’	tik	ti	‘quebrar’	katen	kate
‘queimar’	pok	po	‘ver’	pupun	pupun
			‘furar’	katʃwir	katʃwi
			‘quebrar’	kwĩn	kwĩ
			‘comer’	krẽr	krẽ

Fonte: adaptado de Ferreira (2003, p. 115), com alguns exemplos incluídos pelo autor deste trabalho.

O quadro acima mostra que há relação entre a forma verbal, a qual pode ser finita e não finita, e o aspecto verbal. Forma não finita e aspecto verbal

perfectivo engatilham sujeitos ergativos. A seguir, analisamos o sistema nominativo-acusativo na língua.

4.2.2 SISTEMA DE ALINHAMENTO NOMINATIVO-ACUSATIVO

O sistema de alinhamento nominativo-acusativo é engatilhado em contextos em que o verbo transitivo de ação se encontra no aspecto não perfectivo. Em tais contextos, o Caso do sujeito do verbo transitivo é o nominativo, enquanto o Caso do objeto é o acusativo. Ou seja, a língua apresenta alinhamento nominativo-acusativo em tais contextos. Assim, nas situações em que o verbo transitivo de ação se encontre no aspecto não perfectivo, o Caso engatilhado no sujeito será o nominativo. Portanto, a hipótese aqui apresentada é de que a marca de Caso nominativo na língua Parkatejê é $\{-\emptyset\}$. Tendo em conta que nesta língua a marca morfológica de Caso acusativo também é $\{-\emptyset\}$, esta oposição de marcação de Caso se torna mais evidente com o uso de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa do singular nos contextos sintáticos de A, S e O, como mostrado no exemplo abaixo:

- (20) wa -ø ka ha a- papo -ti
 eu -NOM FUT POT 2- queimar -INTENS
 ‘...eu vou te queimar!’

(FERREIRA, 2003)

No exemplo acima, é notável o uso da forma presa do pronome de segunda pessoa para codificar o objeto direto da sentença. Outros exemplos abaixo mostram o alinhamento nominativo-acusativo na língua.

SUJEITOS PRONOMINAIS RECEBENDO O CASO NOMINATIVO:

- (21) wa -ø i- kra pẽ
 eu -NOM 1- filho carregar
 ‘eu carrego meu filho.’

(FERREIRA, 2003)

- (22) wa -ø akiare pupun
 eu -NOM NPR REL-ver
 ‘eu vejo a Akiare.’

(FERREIRA, 2003)

- (23) ka -ø i- pupun
 tu -NOM 1- REL-ver
 ‘tu me vês.’

(FERREIRA, 2003)

- (24) ka -ø ka i- kakwĩn inũare
 tu -NOM FUT 1- bater NEG
 ‘tu não me baterás.’

(FERREIRA, 2003)

Os exemplos acima apresentam verbos transitivos ativos no aspecto não perfectivo, os quais estão na forma finita. Neste contexto, há a ocorrência do Caso nominativo em sujeitos de verbos de ação. Ou seja, a realização do Caso nominativo se dá por meio do morfema {-ø} e seu aparecimento está diretamente associado ao aspecto não perfectivo. A mesma generalização vale para argumentos não pronominais, como se vê no exemplo a seguir, no qual o sujeito recebe o Caso nominativo.

- (25) akiare -ø i- pupun
 NPR -NOM 1- REL-ver
 ‘a Akiare me vê.’

(FERREIRA, 2003)

A análise realizada nesta seção mostra que quando o verbo se encontra em sua forma finita e no aspecto não perfectivo, o Caso engatilhado será o nominativo, cuja marca é {-ø}. Com essa análise mostramos que a língua Parkatejê é uma língua ergativa cindida, pois apresenta cisão condicionada por

aspecto verbal, ou seja, só recebe Caso ergativo sujeito de verbo transitivo ativo que esteja no aspecto perfectivo. A língua apresenta ainda cisão intransitiva, a qual investigamos na subseção a seguir.

4.2.3 CISÃO DOS VERBOS INTRANSITIVOS

Assim como em Batsbi, a língua Parkatejê apresenta cisão na marcação de Caso em sujeitos de verbos intransitivos. E como naquela língua, a cisão em Parkatejê não é arbitrária, sendo condicionada diretamente pela natureza semântica do verbo. A análise a ser apresentada nesta subseção mostra que verbos intransitivos engatilham em seus sujeitos a marca morfológica $\{-\emptyset\}$, porém sujeitos pronominais recebem tratamento diferente dependendo da semântica verbal, enquanto tal fator não parece ser relevante na marcação de sujeitos não pronominais. Vejam-se os exemplos abaixo.

- (26) tʃontapti təy
 NPR ser.forte
 ‘Xôntapti é forte.’

(FERREIRA, 2003)

- (27) krohokrenhum nkɾe
 NPR cantar
 ‘Krôhôkrenhum canta.’

(FERREIRA, 2003)

Por sua vez, sujeitos de verbos intransitivos ativos, quando realizados por meio de sujeitos pronominais, figuram como forma livre, enquanto sujeitos pronominais de verbos intransitivos não ativos figuram como forma presa. Comparem-se os exemplos a seguir.

- (28) i- nkrik
 1- estar.zangado
 ‘eu estou zangado.’

(FERREIRA, 2003)

- (29) wa mũ tẽ
 eu MOV ir
 ‘eu vou.’

(FERREIRA, 2003)

Os exemplos acima mostram o sujeito pronominal S de um verbo não ativo figurando como forma presa e o sujeito pronominal S de um verbo ativo

figurando como forma livre. Vejam-se abaixo outros exemplos com sujeitos S pronominais em verbos não ativos.

SUJEITOS PRONOMINAIS DE VERBOS INTRANSITIVOS NÃO ATIVOS:

(30) ri i- kato
já 1- chegar
'eu chego já.'

(FERREIRA, 2003)

(31) ri i- kator
já 1- chegar+NF
'eu já cheguei.'

(FERREIRA, 2003)

(32) ri i- tũm -re
já 1- ser.velho -ATEN
'eu já estou velho'

(FERREIRA, 2003)

(33) a- pahõm nõre
2- ter.vergonha NEG
'tu não tens vergonha'

(FERREIRA, 2003)

- (34) a- kēhēk
 2- ser.mau
 ‘tu és mau’

(FERREIRA, 2003)

Note que em todos os exemplos acima, os sujeitos pronominais figuram como forma presa. Já nos exemplos com o verbo ‘chegar’ /katɔr/, o fator aspecto não é relevante na construção intransitiva na língua Parkatejê. A partir dos exemplos, conclui-se que sujeitos de verbos intransitivos não ativos recebem a mesma marca de objetos de transitivos, perfazendo assim um alinhamento de S = O, que é típico do subsistema ergativo-absolutivo. Mais precisamente, sujeitos pronominais de verbos não ativos recebem tratamento sintático semelhante a objetos de verbos transitivos, pois ambos são codificados por meio de formas pronominais presas.

Por sua vez, sujeitos pronominais de verbos intransitivos ativos são realizados morfologicamente da mesma maneira que sujeitos de verbos transitivos, conforme mostram os dados abaixo:

SUJEITOS PRONOMINAIS DE VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS:

- (35) wa -ø mũ mõ tʃwa
 eu -NOM MOV ir banhar
 ‘...eu vou tomar banho...’

(FERREIRA, 2003)

- (36) wa -ø ka ʒə inũare
 eu -NOM FUT sentar NEG
 ‘eu não sentarei’

(FERREIRA, 2003)

- (37) wa -ø mũ kanela ʒ-õ-křĩ wir tẽ
 eu -NOM MOV Canela REL-POS-aldeia DIR ir
 ‘eu vou para a aldeia dos Canela’

(FERREIRA, 2003)

- (38) ka -ø mũ h-õrõkre wir tẽn
 tu -NOM MOV REL-casa DIR ir+NF
 ‘tu foste para a casa dele.’

(FERREIRA, 2003)

- (39) ka -ø mũ mõ maraba wir mõ
 tu -NOM MOV ir NPR DIR ir
 ‘tu vais para Marabá.’

(FERREIRA, 2003)

SUJEITOS PRONOMINAIS DE VERBOS TRANSITIVOS:

- (40) wa -ø mĩ ata amtʃu
 eu -NOM MOV DEM esconder
 ‘eu vou esconder aquilo.’

(FERREIRA, 2003)

- (41) ka -ø i- pupun
 tu -NOM 1- REL-ver
 ‘tu me vês.’

(FERREIRA, 2003)

Dessa maneira, os exemplos acima mostram que sujeitos pronominais de verbos intransitivos ativos recebem a mesma marca de Caso {-ø}, recebida por sujeitos de verbos transitivos no aspecto não perfectivo. Ou seja, sujeitos de verbos intransitivos ativos alinham-se a sujeitos do sistema acusativo. A principal evidência a favor de tal hipótese advém do fato de que os sujeitos pronominais nestes contextos aparecem sempre em sua forma livre, enquanto os objetos pronominais sempre aparecem na forma presa. A cisão de sujeitos pronominais de verbos intransitivos e seu alinhamento aos sistemas sintáticos em Parkatejê pode ser ilustrada pelo esquema proposto abaixo:

QUADRO 4.4: SISTEMAS DE ALINHAMENTO EM PARKATEJÊ	
Aspecto perfectivo / intransitivos não ativos	$A \neq S_O = O$
Aspecto não perfectivo / intransitivos ativos	$A = S_A \neq O$

Fonte: elaborado pelo autor deste trabalho.

A análise realizada nesta seção propõe que a língua Parkatejê opera com dois sistemas de alinhamentos sintáticos, a saber: ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo, sendo tal cisão condicionada por fatores aspectuais do verbo. Além disso, mostrou que a língua apresenta cisão intransitiva, a qual não é arbitrária, mas condicionada diretamente pela semântica verbal, como ocorre em Batsbi (Cf. HOLISKY, 1987). Ou seja, sujeitos de intransitivos ativos vêm sempre realizados por meio de formas pronominais livres /wa/ ‘eu’ e /ka/ ‘tu’, enquanto sujeitos de intransitivos não ativos vêm sempre realizados por de formas presas /i-/ ‘eu’ e /a-/ ‘tu’.

Na próxima subseção, analisamos as ocorrências do sujeito dativo em Parkatejê.

4.3 O SUJEITO DATIVO

Além do engatilhamento dos Casos ergativos e nominativos, sujeitos de verbos transitivos podem ainda acionar um terceiro Caso. Trata-se do Caso dativo e sua ocorrência na sentença não obedece aos mesmos critérios que engatilham os Casos ergativo e nominativo em sujeitos de transitivos. Enquanto estes últimos sempre alternam entre si e dependem diretamente da forma finita ou não finita de verbos transitivos ativos ou do traço aspectual da sentença, nota-se que o dativo ocorre em contextos muito específicos, os quais estão associados à semântica de afetação e de volição. Nesses contextos, observa-se que o sujeito sistematicamente apresenta a propriedade semântica de [+AFETAÇÃO], conforme mostram os exemplos a seguir:

- (42) i- mǎ tɛp pɾǎm
 1- DAT peixe ter.fome
 ‘eu estou com vontade de comer peixe.’ *lit.* ‘eu tenho fome de peixe.’
 (FERREIRA, 2003)

- (43) i- kra mǎ pɪptʃo kɪn nɪre
 1- filho DAT banana gostar muito
 ‘meu filho gosta muito de banana.’
 (FERREIRA, 2003)

- (44) katiy mǎ rɔp pati
 NPR DAT cachorro ter.medo
 ‘a Katyí tem medo de cachorro.’

(FERREIRA, 2003)

Nos exemplos acima, todos os verbos exigem um sujeito não agentivo, pois são sujeitos de verbos psicológicos, que exibem a propriedade semântica [+EXPERIENCIADOR, -CONTROLE]. Segundo Silva (2011), esses verbos selecionam sujeitos com o Caso dativo, o qual se realiza por meio da posposição {-mǎ}, que figura enclítica ao DP. Já em relação a verbos intransitivos, nota-se que, se esses verbos também selecionarem um sujeito com a propriedade semântica de afetação, ele também receberá o Caso dativo, conforme mostram os exemplos abaixo.

- (45) i- mǎ prēm
 1- DAT ter.fome
 ‘eu tenho fome.’

(FERREIRA, 2003)

- (46) i- mǎ kakrɔ -ti
 1- DAT estar.quente -INTENS
 ‘eu estou com muito calor.’ ou ‘eu estou com muita febre.’
 (FERREIRA, 2003)

- (47) i- mǎ kri
 1- DAT frio
 ‘eu estou com frio.’
 (FERREIRA, 2003)

O Caso dativo ocorre também em sujeitos de predicados nominais, os quais possuem como núcleo um item de natureza lexical estativa, como mostram os exemplos a seguir.

- (48) i- mǎ kaper inũare
 1- DAT bacaba NEG
 ‘eu não tenho bacaba.’ *lit.* ‘para mim, não (existe) bacaba.’
 (FERREIRA, 2003)

- (49) i- mǎ katõkrare
 1- DAT espingarda
 ‘eu tenho espingarda.’ *lit.* ‘para mim, espingarda.’
 (FERREIRA, 2003)

Nos exemplos acima, nota-se ainda uma propriedade [+POSSUIDOR] atribuída ao argumento. De forma semelhante, verbos no modo imperativo também engatilham Caso dativo no argumento, o que nos sugere o papel semântico de alvo. Comparem-se os exemplos abaixo:

- (50) i- mǎ kaper
 1- DAT bacaba
 ‘me dá bacaba.’ *lit.* ‘para mim, bacaba.’

(FERREIRA, 2003)

- (51) i- mǎ he kwə
 1- DAT fio QUANT
 ‘me dá um pedaço de fio.’

(FERREIRA, 2003)

- (52) i- mǎ ntuwa hǒ
 1- DAT nova dar
 ‘me dá a nova’ para o contexto ‘me dá a faca nova’

(FERREIRA, 2003)

Note-se pelos exemplos (50) e (51) que, embora o verbo ‘dar’ esteja subentendido, ele não é obrigatório nas sentenças para que estas sejam consideradas gramaticais. Isso ocorre provavelmente devido à presença da

marcação dativa, indicando a papel semântico de alvo. Os exemplos mostrados acima estão todos de acordo com as hipóteses apresentadas por Klaiman (1980), uma vez que são sujeitos dativos que (i) expressam experiências psicológicas, (ii) são semanticamente recipientes e (iii) apresentam a propriedade semântica [-CONTROLE].

Tendo em conta a análise dos dados apresentados até aqui, a teoria que defendemos é a de que a ocorrência da partícula {-mã} está diretamente correlacionada à propriedade semântica de afetação que o sujeito pode carregar. Nesta linha de raciocínio, a restrição que podemos propor é a de que, para que esta partícula marque sujeitos de verbos transitivos ou intransitivos, faz-se importante que o sujeito apresente sempre a propriedade [-AGENTE], uma vez que sujeitos [+AGENTE] podem engatilhar o Caso ergativo ou o Caso nominativo, o que dependerá do traço aspectual da sentença.

Finalmente, há outra propriedade semântica identificada nos exemplos de Ferreira (2003), que pode ser mais bem compreendida a partir da análise dos exemplos a seguir:

- (53) mariŕa mǎ parkateze kakok prǎm nǎre
 NPR DAT NPR falar querer muito
 ‘Marília quer muito falar Parkatejê.’

(FERREIRA, 2003)

No exemplo acima, o sujeito que recebe o Caso dativo apresenta a propriedade semântica de [+VOLIÇÃO]. Isso acontece com todos os sujeitos do verbo ‘querer/desejar’ /prǎm/, como também foi mostrado no exemplo (42), repetidos abaixo como (54):

- (54) i- mǎ tep prǎm
 1- DAT peixe ter.fome
 ‘eu estou com vontade de comer peixe.’ *lit.* ‘eu tenho fome de peixe.’

(FERREIRA, 2003)

Ou seja, todos os sujeitos do verbo ‘querer’ /prǎm/ são marcados com a posposição de Caso dativo {-mǎ}, porque o sujeito, embora tenha volição, é afetado de alguma maneira pelo evento denotado pelo predicado.

Tendo em conta os dados empíricos analisados até o momento, a hipótese que propomos é a de que o Caso dativo é engatilhado em Parkatejê somente em sujeitos não agentes. Esses podem ser sujeitos de verbos transitivos

ou de verbos intransitivos, e devem apresentar uma das seguintes propriedades semânticas, a saber: [+EXPERIENCIADOR], [+POSSUIDOR], [+ALVO] e [+VOLIÇÃO].

Em suma, a generalização que pode ser feita a partir desses fatos é a de que, para que o Caso dativo ocorra na língua Parkatejê, é necessário que o verbo selecione um sujeito com traços [-AGENTIVO] e [-CONTROLE]. Será, portanto, a presença dessas propriedades semânticas que resulta na marcação diferencial do sujeito.

4.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo mostrou que a língua Parkatejê apresenta um sistema de marcação de Caso tripartido, uma vez que seu argumento externo pode receber três marcas diferentes, a saber: {-∅} para Caso nominativo, {-te} para Caso ergativo e {-mã} para Caso dativo. Os dois primeiros alternam entre si e seu engatilhamento depende do traço aspectual da sentença; o terceiro é condicionado pelo traço semântico de afetação no sujeito, podendo ocorrer tanto em sujeitos de transitivos quanto de intransitivos. Além disso, a língua apresenta cisão na marcação de sujeitos pronominais de verbos intransitivos, a qual é condicionada pela natureza semântica do verbo, que pode ser ativo ou

não ativo, e consiste no tratamento diferente recebido pelos sujeitos pronominais desses verbos.

A análise realizada comprova que a língua Parkatejê apresenta o fenômeno DSM para os verbos transitivos de ação, pois as condições de marcação de Caso na língua são resultado de parâmetros sintáticos regulares. O Caso dativo não caracteriza DSM, pois só ocorre em uma classe fechada de verbos. A seguir, apresentamos um quadro no qual estão esquematizadas as marcas morfológicas de sujeitos pronominais de primeira e segunda pessoa de acordo com o alinhamento sintático em que se apresentam.

QUADRO 4.5: MARCAS DE CASO DO SUJEITO EM PARKATEJÊ					
ERG-ABS {-te} – {-∅}		NOM-ACC {-∅} – {-∅}		DAT-ACC {-mã} – {-∅}	
A → i-te	O → i-	A → wa	O → i-	A _D → i-mã	O → i-
a-te	a-	ka	a-	a-mã	a-
	S _O → i-	S _A → wa		S _D → i-mã	
	a-	ka		a-mã	

Fonte: elaborado pelo autor deste trabalho.

A partir do esquema mostrado acima, é possível afirmar que a língua Parkatejê opera com três sistemas de alinhamento regulares, sendo ele os

sistemas ergativo, acusativo e dativo. No próximo capítulo, faremos a análise dos sistemas de Caso da língua Apaniekrá.

CAPÍTULO 5: SISTEMAS DE CASO EM APANIEKRÁ

Este capítulo tem por objetivo investigar os alinhamentos sintáticos que ocorrem na língua Apaniekrá. Assim como se dá em Parkatejê, o Apaniekrá opera com dois alinhamentos sintáticos, o ergativo-absolutivo e o nominativo-acusativo. Ou seja, não apresenta ergatividade plena, uma vez que esta é condicionada por aspecto perfectivo. Por sua vez, se o verbo se apresenta em aspecto não perfectivo, o sistema de Caso será o nominativo-acusativo. Tendo em conta esses fatos, a hipótese que pretendemos explorar neste capítulo é a de que o traço aspectual da sentença condiciona o surgimento da cisão nessas línguas.

Outro objetivo é demonstrar que o Apaniekrá apresenta Marcação Diferencial de Sujeito (DSM). Este padrão é indicado na língua pela alternância regular nas marcações de Caso no sujeito do verbo transitivo, que pode receber os Casos ergativo, nominativo e dativo. O fator que condiciona essa marcação diferencial está relacionado a propriedades semânticas que o núcleo do predicado denota e ao traço aspectual da sentença. Por sua vez, os sujeitos de verbos intransitivos também apresentam marcação diferencial, a qual pode ser condicionada pela natureza semântica do verbo ou pelo aspecto verbal. Assim, o sujeito receberá o Caso dativo se receber papel semântico de experienciador;

receberá o Caso nominativo se o verbo ativo estiver no aspecto não perfectivo; e receberá o Caso nominativo/absolutivo se for sujeito de verbo não ativo ou de verbo ativo no aspecto perfectivo.

O capítulo está organizado em quatro seções, a saber: na seção 1, apresentamos o sistema de pronomes pessoais da língua Parkatejê; na seção 2, investigamos o funcionamento do sistema ergativo-absolutivo, assim como as condições que levam ao engatilhamento do sistema nominativo-acusativo; na seção 3, examinamos o estatuto do Caso dativo em Apaniekrá e sua conexão com o aparecimento do sistema de marcação diferencial do sujeito. Por fim, a seção 4 apresenta o resumo do capítulo.

5.1 O SISTEMA PRONOMINAL

O Apaniekrá distingue três subclasses de pronomes pessoais: os pronomes enfáticos, os pronomes livres e os prefixos pessoais (CASTRO ALVES, 2004, p. 80). Os pronomes enfáticos são usados em construções com valor enfático, mas somente para fazer referência a humanos. Os pronomes livres ocorrem apenas como sujeitos de verbos transitivos e intransitivos ativos no aspecto não perfectivo, nunca podem realizar-se como objetos de verbos transitivos ou como sujeitos de verbos intransitivos não ativos. Por fim, os

prefixos pessoais podem referir-se a sujeitos de intransitivos não ativos e de intransitivos ativos no aspecto perfectivo e objetos de transitivos.

As tabelas a seguir apresentam os paradigmas completos dos marcadores pessoais em Apaniekrá.

QUADRO 5.1: PRONOMES PESSOAIS ENFÁTICOS EM APANIEKRÁ		
1singular	pa	‘eu’
1dual	pa-pjakrut	‘nós dois’
1trial	paʔ-ŋkre	‘nós três’
1plural	mẽ= pa	‘nós (inclusivo)’
2singular	ka	‘você’
2dual	ajwar	‘você dois’
2plural	mẽ= ka	‘vocês’
3singular	ta	‘ele, ela’
3plural	mẽ= ta	‘eles, elas’

Fonte: adaptado de CASTRO ALVES (2004, p. 80).

QUADRO 5.2: PRONOMES PESSOAIS EM APANIEKRÁ		
Pessoas	Livres	Prefixos
1 singular	wa	i-
1 exclusivo plural	wa =mẽ	mẽ= i-
1 inclusivo dual	ku	pa(?)-
1 inclusivo plural	ku =mẽ	mẽ= pa(?)-
2 singular	ka	a-
2 plural	ka =mẽ	mẽ= a-
3 singular	ke / ø	iʔ- / h- / ku- / ø
3 plural	ke mẽ / ø =mẽ	mẽ= iʔ / mẽ= h / mẽ= ku / mẽ= ø

Fonte: adaptado de CASTRO ALVES (2004, p. 81, 83).

Os exemplos a seguir mostram os contextos de ocorrência de cada uma das formas acima para primeira pessoa do singular:

EM CONTEXTO DE ÊNFASE:

- (1) pa wa ma mĩ
 1 1 DIR ir
 ‘eu é que vou’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE S_AE A:

- (2) wa ha tĩ
 1 IRR viajar
 ‘eu vou viajar’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (3) wa apu hĩ ku
 1 PRG carne comer
 ‘eu estou comendo carne’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE POSSUIDOR:

- (4) enfermeira te i-kra kãm tjer
 enfermeira ERG 1-filho LOC gritar+NF
 ‘a enfermeira gritou com o meu filho.’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE SUJEITO DE PREDICADOS NOMINAIS:

- (5) i-kahãj
 1-mulher
 ‘eu sou mulher.’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE S_A NO ASPECTO PERFECTIVO:

- (6) i-wrik
 1-descer.NF
 ‘eu desci’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE S_O:

- (7) i-kakrɔ
 1-estar.quente
 ‘eu estou com febre’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE O:

- (8) rəp tɛ i-tʃar
 cachorro ERG 1-morder+NF (passado vívido)
 ‘o cachorro me mordeu (há pouco tempo).’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE SUJEITO ERGATIVO:

- (9) i-te iʔ-pir
 1-ERG 3-pegar+NF
 ‘eu a peguei’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE SUJEITO DATIVO:

- (10) i-mã tɛp prãm
 1-DAT peixe sentir.fome
 ‘eu quero peixe’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (11) i-mã pa
 1-DAT sentir.medo
 ‘eu estou com medo’

(CASTRO ALVES, 2004)

FUNÇÃO DE ARGUMENTO OBLÍQUO:

- (12) i-tõ te i-mã tep jõr
 1-irmão ERG 1-DAT peixe REL-dar+NF
 ‘meu irmão deu peixe para mim.’

(CASTRO ALVES, 2004)

A partir da descrição dos marcadores pessoais acima, ficamos em condições de demonstrar como se dão os sistemas de alinhamentos de Caso na língua. Na próxima seção, examinamos os subtipos de alinhamentos sintáticos em Apaniekrá.

5.2 ALINHAMENTOS DE CASO

Como demonstrado no capítulo anterior, as línguas do grupo Timbira operam com dois sistemas de alinhamento de Caso. Há em Apaniekrá três tipos de sistemas, a saber: o ativo-estativo, o nominativo-absolutivo e o ergativo-absolutivo. Essa análise leva em consideração o fato de os sujeitos de verbos transitivos poderem ser agentes ou se são sujeitos afetados pelo evento (CASTRO ALVES, 2004, p. 97).

Os exemplos (13) e (14) a seguir mostram sujeitos pronominais aparecendo prefixados à posposição {-te}, que marca Caso ergativo na língua. Por sua vez, alguns os sujeitos pronominais de primeira e segunda pessoa não

vêm marcados com esta adposição, conforme mostram os exemplos em (15) e (16).

- (13) i- tɛ a- pupun
 1- ERG 2- ver+NF
 ‘eu vi você’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (14) a- tɛ i- pupun
 2- ERG 1- ver+NF
 ‘você me viu’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (15) wa -∅ a- pupu
 1 -NOM 2- ver
 ‘eu vejo você’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (16) ka -∅ i- pupu
 2 -NOM 1- ver
 ‘você me vê’

(CASTRO ALVES, 2004)

Note ainda que o verbo aparece primeiro em sua forma não finita, depois em sua forma finita. Como já visto no capítulo sobre o Parkatejê, parece haver forte correlação entre a forma verbal finita/não finita e o sistema de alinhamento engatilhado. A forma não finita do verbo ‘ver’ /pupun/ indica que o verbo está no aspecto perfectivo, enquanto a forma finita /pupu/ indica o aspecto não perfectivo do verbo. Esse traço aspectual é responsável pela cisão entre os alinhamentos ergativo e acusativo em Apaniekrá.

Tendo por base essas considerações iniciais, na próxima seção, investigamos o sistema de alinhamento ergativo-absolutivo nessa língua.

5.2.1 SISTEMA DE ALINHAMENTO ERGATIVO-ABSOLUTIVO

No sistema de alinhamento ergativo-absolutivo, sujeitos são sempre marcados com a posposição de Caso ergativo {-te}, enquanto objetos, quando são realizados por DPs, recebem marca de Caso absoluto {-ø}, conforme se vê nos exemplos a seguir:

SUJEITOS PRONOMINAIS RECEBENDO O CASO ERGATIVO:

- (17) i- tɛ karaw kaʔhek
 1- ERG garrafa quebrar+NF
 ‘eu quebrei a garrafa’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (18) i- tɛ i-kra mpən
 1- ERG 1-filho carregar+NF
 ‘eu carreguei meu filho’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (19) a- tɛ iʔ- pɪr
 2- ERG 3- pegar+NF
 ‘você a pegou’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (20) a- tɛ kɛn kapon
 2- ERG pedra partir+NF
 ‘você partiu a pedra’

(CASTRO ALVES, 2004)

SUJEITOS NOMINAIS PLENOS RECEBENDO O CASO ERGATIVO:

- (21) kuli tɛ ikrɛ tɔ= katʃɜr
 fogo ERG casa CAUS= queimar+NF
 ‘o fogo queimou a casa.’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (22) ta tɛ kuli p̃ir
 chuva ERG fogo apagar+NF
 ‘a chuva apagou o fogo.’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (23) rɔp tɛ hɔʃtʃɜʔtʃɜk tʃar
 cachorro ERG galinha morder+NF
 ‘o cachorro mordeu a galinha.’

(CASTRO ALVES, 2004)

Note que, nos exemplos (21), (22) e (23), sujeitos nominais plenos também aparecem acompanhados da marca de Caso ergativo, enquanto objetos recebem o Caso default. Por sua vez, quando o objeto corresponde à primeira ou à segunda pessoa do singular, vem sempre realizado por meio de prefixos pessoais. Os exemplos (13) e (14) são repetidos abaixo como (24) e (25) para mostrar que, no sistema ergativo, os objetos pronominais são realizados como prefixos pessoais.

- (24) i- tɛ a- pupun
 1- ERG 2- ver+NF
 ‘eu vi você’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (25) a- tɛ i- pupun
 2- ERG 1- ver+NF
 ‘você me viu’

(CASTRO ALVES, 2004)

Exemplos como esses acima são importantes para mostrar o alinhamento dos argumentos S e O em oposição ao argumento A. Mais adiante, serão mostradas as ocorrências de sujeitos intransitivos. Os exemplos abaixo mostram o alinhamento ergativo em sentenças causativas.

ERGATIVIDADE OCORRENDO EM SENTENÇAS CAUSATIVAS:

- (26) i- tɛ ko tɔ= h-akri
 1- ERG água CAUS= 3-estar.frio
 ‘eu esfriei a água’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (27) a- tɛ hĩ tɔ= h-3r
 2- ERG carne CAUS= 3-estar.cozida
 ‘você cozinhou a carne’

(CASTRO ALVES, 2004)

Nos exemplos acima, verbos intransitivos, ao sofrerem causativização pelo morfema /tɔ/, tornam a sentença transitiva, engatilhando no sujeito agente a marca de Caso ergativo. Por se tratar de aspecto perfectivo, o sujeito deve receber o Caso ergativo. Em síntese, o sistema de codificação dos argumentos delineados acima mostra que $A \neq S = O$, visto que A recebe marca de Caso ergativo, enquanto S e O recebem marca de Caso default, quando vêm realizados por DPs plenos ou são realizados por meio de pronomes pessoais prefixados ao verbo, quando S e O vêm realizados por meio de /i-/ ‘eu’ e /a-/ ‘tu’. Verifiquem-se os exemplos abaixo:

- (28) i- kakra
 1- estar.quente
 ‘eu estou com febre’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (29) a- tertet
 2- tremer
 ‘você está tremendo’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (30) rɔp mpej
 cachorro ser.bom
 ‘o cachorro é bom.’

(CASTRO ALVES, 2004)

Os exemplos acima mostram sujeito de verbos intransitivos não ativos sendo codificados da mesma maneira que objetos de verbos transitivos. Na próxima subseção, investigamos os condicionamentos do sistema acusativo.

5.2.2 SISTEMA DE ALINHAMENTO NOMINATIVO-ACUSATIVO

No sistema de alinhamento nominativo-acusativo, sujeitos A e S recebem sistematicamente o mesmo Caso, o qual é representado pela marca default $\{-\emptyset\}$, quando esses argumentos vêm realizados por DPs não pronominais. Não obstante, quando esses sujeitos correspondem à primeira ou à segunda pessoa, esse sujeito é realizado sistematicamente pelos pronomes livres /wa/ e /ka/, respectivamente. Tal evidência nos permite interpretar que os

sujeitos A e S são codificados da mesma maneira nesse sistema, assim como ocorre em Parkatejê. Mais precisamente, assumiremos que o Caso recebido por esses sujeitos equivale ao nominativo. Comparem-se os exemplos a seguir:

SUJEITOS PRONOMINAIS TRANSITIVOS RECEBENDO O CASO NOMINATIVO:

- (31) wa -ø apu hĩ ku
 1 -NOM PRG carne comer
 ‘eu estou comendo carne’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (32) wa -ø ha ku- pi
 1 -NOM IRR 3- pegar
 ‘eu vou pegá-la’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (33) ka -ø ha wakə pi
 2 -NOM IRR faca pegar
 ‘você vai pegar a faca’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (34) ka -ø apu hĩ ku
 2 -NOM PRG carne comer
 ‘você está comendo carne’

(CASTRO ALVES, 2004)

SUJEITOS PRONOMINAIS INTRANSITIVOS RECEBENDO O CASO NOMINATIVO:

- (35) wa -ø wri
 1 -NOM descer
 ‘eu desço’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (36) wa -ø ŋõr
 1 -NOM dormir
 ‘eu durmo’

(CASTRO ALVES, 2004)

Nas sentenças acima, todos os sujeitos são codificados por meio dos pronomes livres /wa/ ‘eu’ e /ka/ ‘tu’, o que sinaliza claramente a emergência de um sistema nominativo-acusativo, o qual difere do sistema ergativo-absolutivo, no qual o sujeito de transitivos de ação no aspecto perfectivo recebe sistematicamente a posposição de Caso ergativo {-te}. Mais detalhes sobre a propriedade semântica de sujeitos de verbos intransitivos será visto na próxima seção. Note ainda que os verbos aparecem todos em sua forma finita, sugerindo aspecto não perfectivo. Isso traz reforço adicional a favor da hipótese segundo a qual o Caso nominativo emerge sempre que o aspecto da sentença for o não perfectivo. Outros exemplos abaixo mostram sujeitos não pronominais

recebendo Caso nominativo, tal como mostrado no capítulo sobre a língua Parkatejê.

SUJEITOS NOMINAIS PLENOS RECEBENDO O CASO NOMINATIVO:

- (37) rɔp -ø apu hɔ̃tʃɜʔtʃɜk tʃa
 cachorro -NOM PRG galinha morder
 ‘o cachorro está mordendo a galinha.’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (38) ramã kuli -ø apu ikre tɔ= katʃɜ
 ASP fogo -NOM PRG casa CAUS= queimar
 ‘o fogo já está queimando a minha casa.’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (39) ke -ø ha ta kuli pĩ
 3 -NOM IRR chuva fogo apagar
 ‘a chuva vai apagar o fogo.’

(CASTRO ALVES, 2004)

A partir dos exemplos mostrados e da análise realizada, mostramos nesta subseção que a língua Apaniekrá é uma língua ergativa cindida e que esta cisão é condicionada principalmente pelo aspecto verbal. Nesse sentido, aspecto

não perfectivo engatilha no sujeito o Caso nominativo, enquanto o Caso ergativo ocorre apenas quando a sentença estiver no aspecto perfectivo.

Na próxima subseção, examinamos a cisão na marcação de Caso dos sujeitos de verbos intransitivos.

5.2.3 CISÃO DOS VERBOS INTRANSITIVOS

A língua Apaniekrá apresenta cisão intransitiva condicionada por dois fatores principais, a saber: natureza semântica e natureza aspectual dos verbos. Quanto à natureza semântica, verbos são divididos em verbos não ativos e verbos ativos. Verbos intransitivos ativos, por sua vez, são cindidos de acordo com seu aspecto, ou seja, podem se encontrar no aspecto perfectivo ou não perfectivo. A primeira cisão se assemelha àquela da língua Batsbi no sentido de que os verbos intransitivos podem ser divididos em classes semânticas, sendo estas classes melhor analisados quando usamos marcadores de pessoa como sujeitos desses verbos.

Em Apaniekrá, de forma semelhante ao Parkatejê, sujeitos pronominais de verbos intransitivos não ativos são sempre codificados por meio de prefixos pessoais, conforme mostram os dados a seguir:

VERBOS INTRANSITIVOS NÃO ATIVOS:

(40) (wa) i- pəm
 1 1- cair
 ‘eu caí’

(CASTRO ALVES, 2004)

(41) wa ramã i- poj
 1 ASP 1- chegar
 ‘eu já cheguei’

(CASTRO ALVES, 2004)

(42) ka ha a- pəm
 2 IRR 1- cair
 ‘você vai cair’

(CASTRO ALVES, 2004)

(43) pe ka apu a- tertet
 PR 2 PRG 2- tremer
 ‘você estava tremendo’

(CASTRO ALVES, 2004)

Note que nos exemplos (40) e (41), o pronome livre pode aparecer na sentença, mas ainda assim o prefixo de primeira pessoa /i-/ deve ser engatilhado na raiz verbal. Uma hipótese plausível é assumirmos que o pronome livre,

nesses contextos, seja engatilhado por questões pragmáticas relacionadas à estrutura da informação. Outro fator interessante é que, em se tratando de verbos intransitivos não ativos, tempo não parece ser um fator relevante para a marcação de Caso, como se vê no exemplo (42), no qual o sujeito de um verbo no tempo não passado recebe também a marca de Caso absolutivo. Enfatizamos ainda que o prefixo pessoal ocorre tanto se o verbo estiver no aspecto perfectivo como aspecto não perfectivo. Ressaltamos ainda que esse padrão foi mostrado em Parkatejê. Os exemplos abaixo fornecem as ocorrências do verbo ‘falar’ /kakok/ nesses aspectos:

(44) (ka) a- kakok
 2 2- falar
 ‘você falou’

(CASTRO ALVES, 2004)

(45) (wa) apu i- kakok
 1 PRG 1- falar
 ‘eu estou falando’

(CASTRO ALVES, 2004)

A marcação de Caso absolutivo é ainda estendida a sujeitos de verbos intransitivos ativos quando o verbo estiver no aspecto perfectivo. Esse é o

segundo tipo de cisão encontrada nos verbos intransitivos em Apaniekrá, conforme mostram os exemplos a seguir:

VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS NO ASPECTO PERFECTIVO:

(46) i- krɛr
 1- cantar+NF
 ‘eu cantei’

(CASTRO ALVES, 2004)

(47) i- wrik
 1- descer+NF
 ‘eu desci’

(CASTRO ALVES, 2004)

(48) i- jɪ-ʒt
 1- REL-dormir+NF
 ‘eu dormi’

(CASTRO ALVES, 2004)

(49) i- j-ʒpən
 1- REL-comer+NF
 ‘eu comi’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (50) i- tʃ-war
 1- REL-banhar+NF
 ‘eu banhei’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (51) (ka) a- krɛr
 2 2- cantar+NF
 ‘você cantou’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (52) a- j-ʒpən
 2- REL-comer+NF
 ‘você comeu’

(CASTRO ALVES, 2004)

Note que em todos os exemplos, os verbos aparecem em sua forma não finita, indicando aspecto perfectivo. A análise realizada até então corrobora a hipótese segundo a qual sujeitos de verbos intransitivos ativos no aspecto perfectivo recebem Caso absoluto e não o nominativo, o que os alinha sintaticamente com objetos de verbos transitivos, já que ambos são codificados por meio da mesma série de prefixos pessoais. Nesta linha de investigação, propomos que este tipo de alinhamento emerge devido ao traço aspectual que a sentença denota. Com esta proposta, ficamos em condições de explicar a razão

por que verbos ativos perfectivos usam os prefixos pessoais para codificar o seu sujeito, os mesmos marcadores que também são usados pelos objetos de verbos transitivos.

Em contrapartida, quando o verbo intransitivo ativo se encontra no aspecto não perfectivo, o sujeito pronominal é codificado pela forma livre, como se verifica nos exemplos abaixo.

VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS NO ASPECTO NÃO PERFECTIVO:

(53) wa ha ŋkre
1 IRR cantar
'eu vou cantar'

(CASTRO ALVES, 2004)

(54) wa wri
1 descer
'eu desço'

(CASTRO ALVES, 2004)

(55) wa ŋõr
1 dormir
'eu durmo'

(CASTRO ALVES, 2004)

- (56) wa ha apə
 1 IRR comer
 ‘eu vou comer’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (57) wa ha tʃ-wa
 1 IRR REL-banhar
 ‘eu vou banhar’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (58) ka apu kre
 2 PRG cantar
 ‘você está cantando’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (59) ka apu ape
 2 PRG comer
 ‘você está comendo’

(CASTRO ALVES, 2004)

Note que todos os exemplos acima formam pares mínimos com os exemplos de (46) a (52). Em todas as sentenças, o verbo aparece em sua forma finita, sugerindo aspecto não perfectivo, e os sujeitos recebem sistematicamente a marca de Caso default {-ø}, aqui indicando Caso nominativo. A análise

sugere, então, que quando o aspecto é não perfectivo, sujeitos de verbos transitivos e intransitivos recebem tratamento sintático semelhante, em oposição ao tratamento recebido pelo objeto de verbos transitivos. Esses são os condicionamentos do alinhamento nominativo-acusativo em Apaniekrá.

Em suma, a análise realizada até aqui demonstra que a língua opera com dois alinhamentos que se alternam, a saber: ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo. Vimos ainda que o Apaniekrá apresenta cisão intransitiva condicionada tanto pela natureza semântica quanto pelo traço aspectual da oração. Os sujeitos desses verbos intransitivos recebem sistematicamente marca de Caso default $\{-\emptyset\}$, entretanto suas realizações são diferentes de acordo com o contexto no qual aparecem. Sujeitos pronominais tanto de verbos não ativos como de verbos ativos no aspecto perfectivo são realizados por meio de prefixos pessoais, enquanto sujeitos de verbos ativos no aspecto não perfectivo realizam-se por meio de pronomes livres. Os sistemas de alinhamento na língua são esquematizados no quadro abaixo.

QUADRO 5.3: SISTEMAS DE ALINHAMENTO EM APANIEKRÁ	
Transitivos e intransitivos ativos no aspecto perfectivo / Intransitivos não ativos	$A \neq S_A - S_O = O$
Transitivos e intransitivos ativos no aspecto não perfectivo	$A = S_A \neq O$

Fonte: elaborado pelo autor deste trabalho.

Concluimos que o sistema de alinhamento de marcação de Caso dos argumentos nucleares é bastante semelhante ao da língua Parkatejê, exceto pelo fato de que verbos intransitivos ativos podem marcar o seu sujeito com Caso nominativo ou com Caso absolutivo. Conforme foi demonstrado, a escolha de um ou outro Caso está diretamente relacionada ao traço aspectual da sentença. A seguir, examinamos os contextos em que sujeitos podem receber Caso dativo.

5.3 O SUJEITO DATIVO

Assim como foi investigado na língua Parkatejê, uma terceira marcação de Caso no sujeito de verbos transitivos e intransitivos emerge em Apaniekrá. Trata-se do Caso dativo, cuja marca morfológica é {-mã}, conforme se vê nos exemplos a seguir:

VERBOS TRANSITIVOS COM SUJEITO DATIVO:

- (60) i- mã a- kĩn
 1- DAT 2- sentir.alegria
 ‘eu gosto de você’ (lit.: ‘você me dá alegria’)
 (CASTRO ALVES, 2004)

- (61) i- mã ŋ- ape
 1- DAT 2- sentir.amargura
 ‘eu sinto sua falta’ (contexto: ‘sua ausência me dá dor’)
 (CASTRO ALVES, 2004)

- (62) aʔkraɟre mã rɔp pa
 criança DAT cachorro sentir.medo
 ‘a criança está com medo do cachorro’
 (CASTRO ALVES, 2004)

- (63) maria mã rɔp pikrar
 Maria DAT cachorro assustar
 ‘o cachorro assustou a Maria’
 (CASTRO ALVES, 2004)

Note que todos os verbos nos exemplos acima engatilham um sujeito experienciador, uma vez que todos são verbos psicológicos com sujeito [+AFETADO]. O exemplo (63) mostra ainda que o argumento experienciador

toma a posição de sujeito, mais à esquerda na sentença, enquanto o argumento que recebe o papel semântico de causa aparece na posição de objeto, recebendo Caso default, cuja marca é {-ø}. A mesma hipótese é válida para todos os outros exemplos acima.

Abaixo, vejam-se exemplos de sentenças com o verbo no tempo não passado com o objetivo de mostrar que o Caso dativo em Apaniekrá não é condicionado por tempo ou por aspecto verbal.

- (64) wa ha i- mã h- ãpa
 1 IRR 1- DAT 3- sentir.medo
 ‘eu vou sentir medo dele’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (65) wa ha i- mã a- k̄in
 1 IRR 1- DAT 2- gostar
 ‘eu vou gostar de você’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (66) wa ha i- mã i-kra p̄əm
 1 IRR 1- DAT 1-filho cair
 ‘eu vou dar à luz’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (67) ka ha a- mã aʔ- kɨn
 2 IRR 2- DAT 3- gostar
 ‘você não vai gostar dele’

(CASTRO ALVES, 2004)

Os exemplos acima são relevantes para a discussão porque confirmam a hipótese segundo a qual o Caso dativo engatilha um terceiro alinhamento nas línguas Timbira. Se para os alinhamentos investigados anteriormente o principal fator que os difere é o traço aspectual da sentença, no sistema dativo em Apaniekrá, aspecto ou tempo não são fatores engatilhadores. Em suma, nossa hipótese é a de que o Caso dativo emerge somente nos contextos em que o predicado denota que o sujeito é afetado e sem controle do evento. Comparem-se os exemplos abaixo:

- (68) ku- mã iʔ-kra pəm
 3- DAT 3-filho cair
 ‘ela deu à luz’ (o seu filho) (lit.: ‘o filho dela caiu para ela’)

(CASTRO ALVES, 2004)

- (69) ke ha ku- mã iʔ-kra pəm
 3 IRR 3- DAT 3-filho cair
 ‘ela vai dar à luz’

(CASTRO ALVES, 2004)

Os exemplos (68) e (69) ilustram a diferença temporal para o mesmo verbo, mostrando que o fator tempo é irrelevante nesse alinhamento, devendo ser consideradas apenas as propriedades semânticas [+AFETAÇÃO, -CONTROLE]. Tal proposta fica ainda mais consubstanciada pelos dados fornecidos a seguir:

VERBOS INTRANSITIVOS COM SUJEITO DATIVO:

- (70) pe i- mã kri
 PR 1- DAT sentir.frio
 ‘eu senti frio’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (71) i- mã kri
 1- DAT sentir.frio
 ‘eu estou com frio’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (72) keha i- mã kri
 FUT 1- DAT sentir.frio
 ‘eu vou ficar com frio’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (73) a- mã prãm
 2- DAT sentir.fome
 ‘você está com fome’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (74) aʔkrajre mã prãm
 criança DAT sentir.fome
 ‘a criança está com fome’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (75) aʔkrajre mã prãm nare
 criança DAT sentir.fome NEG
 ‘a criança não está com fome’

(CASTRO ALVES, 2004)

Note que, nos exemplos acima, há verbos psicológicos cujos sujeitos possuem o papel semântico de [+EXPERIENCIADOR], ao mesmo tempo em que apresentam as propriedades [+AFETADO] e [-CONTROLE]. Nos exemplos (73) a

(75), embora os sujeitos apresentem ainda a propriedade [+VOLUÇÃO], todos apresentam a propriedade semântica de afetado.

Nota-se que todos os exemplos analisados até aqui confirmam as hipóteses de Klaiman (1980) sobre as propriedades que condicionam o aparecimento do Caso dativo em sujeito de verbos transitivos e intransitivos, tanto em Bengali, como Apaniekrá e Parkatejê. Mais precisamente, assumiremos que sujeitos dativos em Apaniekrá expressam tanto experiências intrínsecas ao sujeito, quanto a propriedade de não possuírem controle da ação. Note que os exemplos a seguir confirmam a hipótese de Klaiman (1980), conforme a qual o sujeito marcado com Caso dativo apresentam as propriedades semântica de [-CONTROLE, +AFETADO, -AGENTE].

PREDICADOS NOMINAIS:

(76) kɔrmã i- mǎ i-jɔpɔn-tʃɔ
ainda 1- DAT 1-comer-NMZ
‘eu ainda tenho comida’

(CASTRO ALVES, 2004)

(77) a- mǎ pɔrkrɛ
2- DAT canoa
‘você tem canoa’

(CASTRO ALVES, 2004)

- (78) kupri mã h-õ tǰũ
 menina DAT 3-GEN pai
 ‘a menina tem pai’

(CASTRO ALVES, 2004)

Os exemplos de (76) a (78) mostram predicados nominais atribuindo Caso dativo ao sujeito. Note que os exemplos expressam posse, sugerindo papel semântico de [+ALVO], assim como mostrado no capítulo anterior, sobre a língua Parkatejê. Esta proposta está, portanto, em consonância com as hipóteses formuladas por Klaiman (1980) e por Butt (2006a), segundo as quais as línguas utilizam o Caso dativo para acionar marcação diferencial. Mais precisamente, nesse sistema, o Caso dativo alterna com o Caso ergativo e o Caso nominativo, para marcar a distinção agente *versus* não agente; controle *versus* não controle; afetação *versus* não afetação.

Em suma, assumiremos a hipótese de que o acionamento do Caso dativo indica a existência de um terceiro alinhamento, o dativo-acusativo, ocorrendo apenas em uma classe de verbos, os quais engatilham sujeitos afetados. Com base nos dados analisados até o momento, ficamos, portanto, em condições de propor que o Apaniekrá e o Parkatejê operam com um sistema de DSM para os Casos ergativo e nominativo.

5.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo mostrou que, assim como na língua Parkatejê, em Apaniekrá, sujeitos de verbos transitivos podem receber até três marcas de Caso, a saber: {-te} para o Caso ergativo, {-∅} para o Caso nominativo e {-mã} para o Caso dativo. A distribuição das duas primeiras é condicionada pela natureza aspectual do verbo e elas alternam entre si. Sujeitos afetados de verbos psicológicos recebem sistematicamente a marca de Caso {-mã}. Por sua vez, sujeitos de verbos intransitivos recebem a marca {-∅} em dois contextos diferentes, mais a marca {-mã}. A primeira ocorre sistematicamente em verbos intransitivos e, nas situações em que ocorre, esta cisão é condicionada tanto pela natureza semântica do verbo, que pode ser ativo ou não ativo, quanto pela natureza aspectual, restrita a verbos ativos.

Sujeitos de intransitivos que recebem a marca de Caso dativo ocorrem nas mesmas condições de sujeitos dativos em verbos transitivos. Tal situação confirma que este Caso introduz, de fato, um novo alinhamento na língua. Por fim, apresentamos os três alinhamentos sintáticos em Apaniekrá no quadro abaixo.

QUADRO 5.4: MARCAS DE CASO DO SUJEITO EM APANIEKRÁ					
ERG-ABS {-te} – {-∅}		NOM-ACC {-∅} – {-∅}		DAT-ACC {-mã} – {-∅}	
A → i-te	O → i-	A → wa	O → i-	A _D → i-mã	O → i-
a-te	a-	ka	a-	a-mã	a-
	S _O /S _A → i-	S _A → wa		S _D → i-mã	
	a-	ka		a-mã	

Fonte: elaborado pelo autor deste trabalho.

A análise realizada confirmou que a língua Apaniekrá também apresenta DSM para os alinhamentos ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo, a qual é resultado de um conjunto de fatores sintáticos que regem a marcação de Caso na língua. Lembramos ainda que, em Apaniekrá, diferentemente da língua Parkatejê, verbos intransitivos ativos engatilham tanto sujeitos com pronomes pessoais livres quanto pronomes pessoais prefixos, dependendo do aspecto do verbo. No próximo capítulo, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

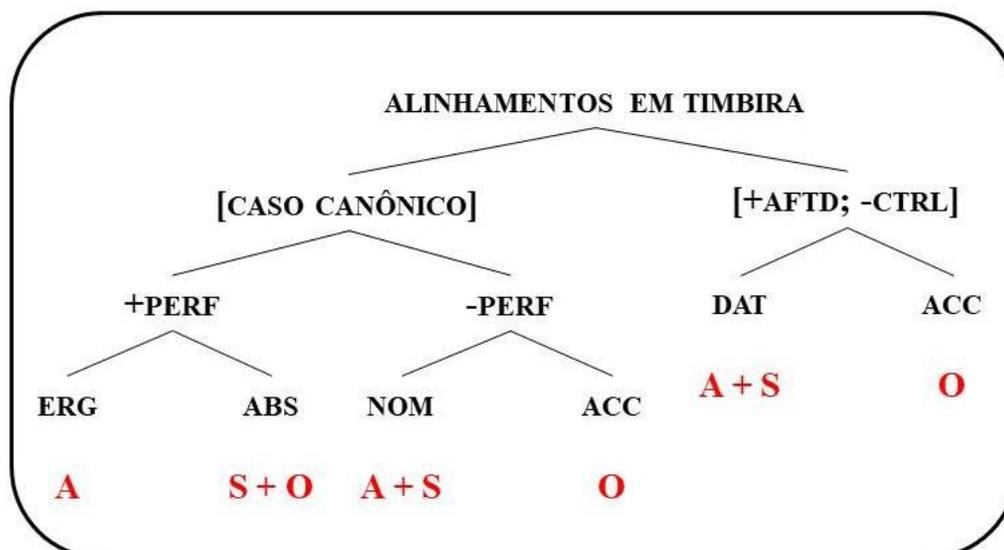
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo mostrar que as línguas do grupo Timbira apresentam o fenômeno Marcação Diferencial do Sujeito (DSM), o qual faz parte da teoria da Marcação Diferencial de Caso (BUTT & KING, 1991; 2003; 2005). De acordo com Butt, a proposta desenvolvida é a de que as línguas tendem a usar alternâncias de Caso como forma de expressar contrastes sintático-semânticos e que o tipo específico de marcador de Caso depende de como todo o sistema de Caso da língua funciona (BUTT, 2006, p. 74).

A partir desse objetivo, buscamos analisar os sistemas de Caso de duas línguas do grupo Timbira, o Parkatejê e o Apaniekrá, para então investigar o fenômeno da marcação diferencial nessas línguas. A investigação mostrou que sujeitos de verbos transitivos podem receber até três marcas de Caso, a saber: { \emptyset } para Caso nominativo, {-te} para Caso ergativo e {-mã} para Caso dativo. A análise mostrou ainda que as línguas apresentam o fenômeno de DSM apenas para os Casos ergativo e nominativo, pois suas marcas de Caso alternam entre si e são condicionadas pelo aspecto do verbo. Assim, se o verbo estiver no aspecto perfectivo, o sujeito recebe marca de Caso ergativo, ao passo que se o mesmo verbo estiver no aspecto não perfectivo, o sujeito recebe a marca de Caso nominativo.

Os sujeitos dativos são engatilhados, por sua vez, em uma classe diferente de verbos, ou seja, a marcação desses sujeitos independe do aspecto verbal, mas ocorre sempre em contextos associados à semântica de afetação do sujeito. Nesse sentido, se o sujeito de um verbo apresenta as propriedades semânticas de [+AFETAÇÃO] e [-CONTROLE], então ele recebe o Caso dativo. A análise realizada neste trabalho mostrou que, em línguas do grupo Timbira, as ocorrências do Caso dativo equivalem a um terceiro alinhamento. Chamamos a esse sistema de dativo-acusativo, uma vez que alinha os argumentos A e S, aqui entendidos como sujeitos dativos, em oposição ao argumento O, que em geral é o argumento estímulo. A principal evidência para considerarmos esse sistema um terceiro alinhamento é o fato de poder ocorrer em diversos tempos verbais, como mostrou a análise do Apaniekrá. A figura a seguir mostra os alinhamentos sintáticos para as línguas Timbira, ilustrando os condicionamentos para cada alinhamento.

FIGURA 6.1: ALINHAMENTOS SINTÁTICOS EM LÍNGUAS TIMBIRA

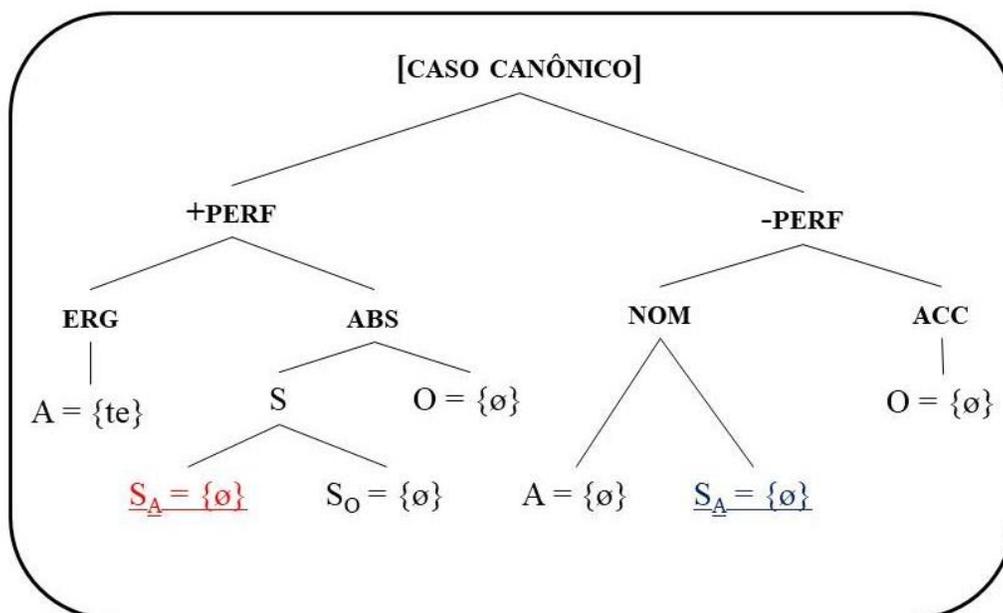


Fonte: elaborado pelo autor deste trabalho.

Os sujeitos de verbos intransitivos também apresentam marcação diferencial. Assim, sujeitos intransitivos podem receber mais duas marcas de Caso. Como as duas marcas de Caso são $\{-\emptyset\}$, suas ocorrências devem ser analisadas a partir do emprego de marcadores pessoais na posição de sujeito, que consistem de formas livres e presas. Por exemplo, a análise do Parkatejê mostrou que, nessa língua, verbos intransitivos ativos engatilham no sujeito Caso nominativo (forma livre), enquanto verbos intransitivos não ativos engatilham Caso absolutivo (forma presa). A análise da língua Apaniekrá mostrou que verbos intransitivos ativos no aspecto perfectivo engatilham Caso

absolutivo. O mesmo ocorre com intransitivos não ativos, mas intransitivos ativos não aspecto não perfectivo engatilham no sujeito o Caso nominativo. Em suma, Parkatejê apresenta cisão intransitiva condicionada apenas pelo fator semântico, mas Apaniekrá apresenta cisão intransitiva condicionada tanto pelo fator semântico quanto pelo aspecto do verbo. A próxima figura detalha os alinhamentos ergativo e acusativo

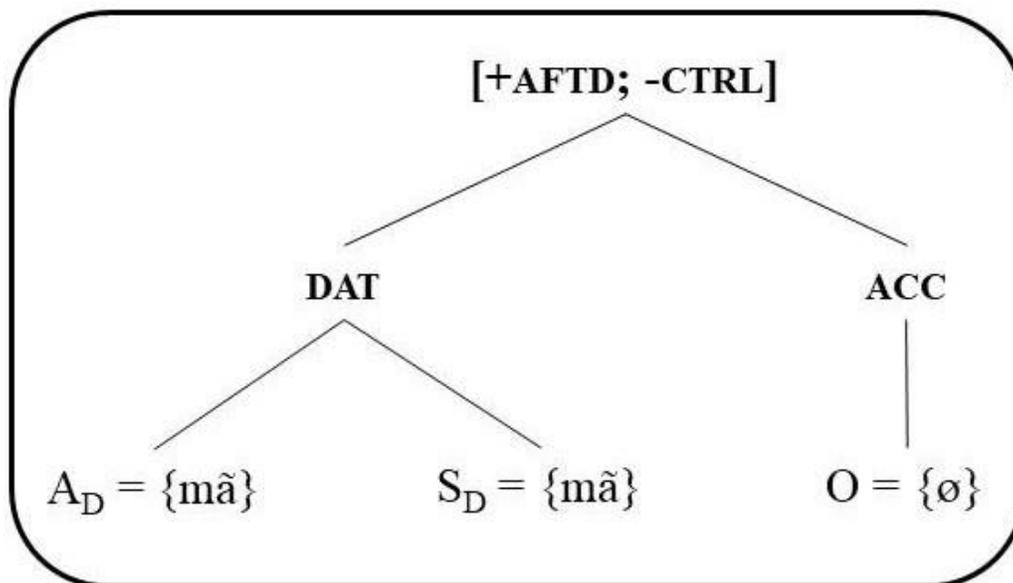
FIGURA 6.2: DETALHE DOS ALINHAMENTOS ERGATIVO E ACUSATIVO



Fonte: elaborado pelo autor deste trabalho.

Finalmente, a figura a seguir detalha o alinhamento dativo-acusativo:

FIGURA 6.3: DETALHE DO ALINHAMENTO DATIVO-ACUSATIVO



Fonte: elaborado pelo autor deste trabalho.

A partir da descrição dos sistemas de Caso nessas línguas, acreditamos que o principal objetivo dessa pesquisa foi alcançado. Mostramos que as línguas Timbira apresentam o fenômeno de DSM, e que as cisões de Caso na língua são condicionadas tanto por contrastes semânticos quanto aspectos dos verbos. Com isso, não desejamos que esse seja um trabalho definitivo sobre sistemas de Caso em Timbira, mas uma introdução ao que pode ser um trabalho

ainda maior, pois é ainda necessário investigar teoricamente o que engatilha as diferentes marcações de Caso nos sujeitos. Por fim, esperamos ter contribuído para os estudos de morfossintaxe de línguas Jê e Macro-Jê e para um melhor entendimento das gramáticas dessas línguas.

REFERÊNCIAS

ABREU, P. S. R. *Diversidade linguística brasileira, as Línguas Páno e suas características ergativas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

ARAÚJO, Leopoldina M. S. *Semântica gerativa da língua gavião-jê*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977.

ARAÚJO, Leopoldina M. S. *Aspectos da língua gavião-jê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

ARAÚJO, Leopoldina M. S. *Dicionário Parkatejê-Português*. Belém: Edição da Autora, 2016.

BUTT, M. The Dative-Ergative Connection. In.: BRANDNER et al. *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*, 2006a.

BUTT, M. *Theories of Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b.

BUTT, M; KING, T. H. Semantic Case in Urdu. In.: DOBRIN, L. *et alii*. (eds.), *Papers from the 27th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, pp. 31-45, 1991.

BUTT, M; KING, T. H. Case Systems: beyond structural distinctions. In.: BRANDNER, E; ZINSMEISTER, H. (eds.) *New Perspectives on Case Theory*, pp. 53-87. Stanford: CSLI Publications, 2003.

BUTT, M; KING, T. H. The status of Case. In.: DAYAL, V; MAHAJAN, A. (eds.), *Clause Structure in South Asian Languages*, pp. 153-198. Berlin: Springer Verlag, 2005.

CAMPOS, C. S. de O. Morfofonêmica e morfossintaxe do Maxakalí. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CASTRO ALVES, Flávia de. *Aspectos fonológicos do Apaniekrá (Jê)*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CASTRO ALVES, Flávia de. *O Timbira falado pelos Canela-Apaniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CROCKER. W. H. *Canela Apanyekrá*. 2002. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Apanyekr%C3%A1>. Acesso em 28 out. 2018.

DICIONÁRIO ILUSTRADO TUPI GUARANI. 2018. Disponível em <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/macro-je/>>. Acesso em 28 out. 2018.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DUARTE, F. B. O que difere uma língua ergativa de uma língua nominativa? In.: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 20, n. 2, p. 269-308, jul./dez. 2012.

FERRAZ, Iara. *Gavião Parkatejê*. 2000. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o_Parkat%C3%AAj%C3%AA>. Acesso em 28 out. 2018.

FERREIRA, M. N. O. *Estudo morfossintático da língua Parkatejê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Caminas, Campinas, 2003.

FILLMORE, Charles J. The Case for Case. In.: BACH, Emmon; HARMS, Robert T. (Orgs.). *Universals of Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1968. pp. 1–88.

HOLISKY, D. A. The Case of the Intransitive Subject in Tsova-Tush (Batsbi). In.: *Lingua*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, vol. 71, pp. 103-132, 1987.

KLAIMAN, M. H. Bengali Dative Subjects. In.: *Lingua*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, vol. 51, pp. 275-295, 1980.

MELATTI, J. C. *Timbira*. 1999. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>>. Acesso em 28 out. 2018.

MONTEIRO, John M. Tupis, Tapuias e Historiadores: estudo de história indígena e do indigenismo. Tese (Livre Docência em Etnologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

NIKULIN, A. SALANOVA, A. P. *Norther Jê verb morphology and the reconstruction of finiteness alternations*. No prelo.

NIMUENDAJÚ, C. *The Eastern Timbira*. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, vol. XLI, Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1946.

RIBEIRO-SILVA, Nandra. *Pronomes em Parkatejê: a expressão da terceira pessoa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Orgs.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 165-206.

SILVA, T. R. *Descrição e análise morfossintática do nome e do verbo em Pykobjê-Gavião (Timbira)*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

WOOLFORD, Ellen. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT Press, vol. 37, nº 1, winter 2006.